

O bairro da
Penha de França

*Aqui cresci, aqui me casei, estudei, aqui tive e tenho amigos.
Não devo sair daqui... Não seria justo!*

Orlando Vasconcelos Júnior, morador na Penha desde 1925

Agradecimentos:

- Affonso Lenzi, presidente do “Clube Esportivo da Penha”;
- André Luís Bianchi, arquiteto e urbanista;
- Ariel Xavier de Oliveira, oficial do Registro Civil das Pessoas Naturais do 3.º Subdistrito da Penha de França;
- Carlos de Souza Calazans, monsenhor, pároco da Basílica de Nossa Senhora da Penha;
- Euclides Gonçalves de Macedo, morador no bairro desde 1914;
- Eugênio Cantero Sanches, diretor do jornal “Gazeta Penhense”;
- Francisco Folco, proprietário da “VIVEKA Escola de Arte e Criação”;
- Jaime Altomar, gerente da Associação Comercial de São Paulo - Distrital Penha;
- José Gustavo Neme Feola, engenheiro da “Feola Construtora e Engenharia”;
- Mafalda Bato de Macedo, moradora no bairro desde 1928;
- Orlando Vasconcelos Júnior, morador no bairro desde 1925;
- Oscar Gonçalves de Macedo, morador no bairro desde 1920;
- Paulo César Petrin Perfeito, sócio do sebo “César Comércio de Livros”;
- Vilma de Jesus Palma, moradora no bairro desde 1981.

Índice

Introdução	04
I. A Evolução Histórica	07
1. O Prenúncio	08
2. Surge a Penha, uma “individualidade geográfica”	12
3. O Bairro cresce	17
4. A Freguesia no século XIX	19
5. A Penha no século XX	23
6. O século XXI e as propostas de revitalização	30
II. Aspectos do Bairro	31
1. Religião	31
2. Ocupação Urbana	38
3. Vias de Acesso	44
4. Educação	52
5. Cultura e Lazer	56
6. Esportes	61
7. Economia	67
Bibliografia	74
Crédito das Fotos e Ilustrações	77

Introdução

A arquitetura é uma consequência direta de sentimentos tão profundos quanto primitivos. Construções de vários metros de altura e com o sacrifício de um sem-número de vidas foram erguidas em nome da fé.

A afirmação acima foi elaborada pelo então estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo, André Luís Bianchi, ao apresentar um de seus trabalhos.

Podemos completar que não apenas a arquitetura, mas - e não faltam registros históricos - a própria organização social do ser humano dependeu, desde seu início, em muito da religiosidade.

Ao lado do poder político, que nos grupos primitivos era representado pelos mais fortes, surgiu, assim, o poder religioso, constituído por aqueles cuja intercessão auxiliaria a despertar a benevolência divina e a garantir a sobrevivência de todos.

Portugal não poderia ser exceção: o pequeno país, concebido durante o processo de reconquista cristã, tendo de um lado o Atlântico e de outro vizinhos nem sempre amigáveis, construiu um dos mais peculiares impérios jamais vistos e esteve, no dizer do jornalista Hermano Vianna, *essencial e peculiarmente ligado à expansão marítima da Europa e do Cristianismo*¹.

Claro, não apenas a fé motivou os monarcas lusos a expandir sempre mais as conquistas. Afinal, Portugal não era insensível ao mercantilismo que envolvia outras nações europeias. Portanto, o binômio *economia x religião* foi passageiro constante nas naus que aportaram em todos os continentes - e chegaram ao Brasil com Cabral e seus sucessores.

Nesse contexto, surgiu o bairro da Penha de França. É impossível desvincular sua fundação da devoção a Maria, mãe de Jesus, sob o título de Nossa Senhora da Penha (aliás, padroeira da Cidade de São Paulo)... bem como é impossível negligenciar os ciclos que motivaram os bandeirantes a

¹ VIANNA, Hermano. O Fim do Império Português in *Folha de São Paulo*. 22.08.1999. p. 5.

abandonar o triângulo fortificado de Piratininga e a estabelecer, cerca de oito quilômetros a leste, um local de pouso, no primitivo aldeamento indígena dos Ururaí.

Fato curioso, o território da Penha de França (ou, mais simplesmente, Penha) foi sendo cada vez mais consolidado à luz da fé, imprimindo-lhe um caráter peculiar em relação a outros pontos do vasto império colonial português.

Mas... qual território corresponde exatamente à Penha? Já que não existem limites oficiais para qualquer bairro, sua extensão varia - em muito - conforme o enfoque abordado. Contudo, a bibliografia existente acerca da história da Penha a representa como um núcleo - as imediações da igreja cujas bases datam do século XVII - e suas “vilas” surgidas dos grandes loteamentos. Assim, entenderemos como Penha a região com os seguintes limites²:

- *norte*: o Município de Guarulhos e o bairro do Cangaíba;
- *leste*: o bairro da Vila Esperança;
- *oeste*: o bairro do Tatuapé;
- *sul*: o bairro de Vila Matilde.

O presente trabalho foi dividido em duas partes: a primeira trata, em linhas gerais, da evolução histórica da Penha, percorrendo caminho por vezes paralelo, por vezes coincidente ao de São Paulo e do Brasil. Já a segunda parte aprofunda alguns aspectos do bairro - a começar, obviamente, da Religião.

Em função de seu caráter tradicional, de sua posição estratégica entre São Paulo e o Rio de Janeiro, da fé depositada em Nossa Senhora, a Penha foi freqüentemente abordada por escritores: internacionais - como o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire; nacionais - como Afonso de Taunay; regionais - como Sylvio Bomtempi e Hedemir Linguitte. Todavia, foi justamente a tradição que nos levou a buscar informações não apenas em documentos, mas junto aos penhenses - nascidos ou “adotados” - que testemunharam as profundas transformações ao longo do século XX.

Infelizmente, observamos que o fator de fortalecimento do bairro acabou por ser seu ponto mais fraco: baseada na fé, a Penha foi abalada pelos ventos

² *Fonte*: Registro Civil das Pessoas Naturais do 3.º Subdistrito da Penha de França.

da descrença que sopraram no último século! Os antigos moradores, portanto, são unânimes em apontar o atual bairro como sombra do esplendor vivido até a Segunda Guerra Mundial. Para alguns, inclusive, é impossível reverter tal degradação.

Claro, há também os otimistas... E como “*nem só de História e glórias do passado sobrevive um bairro*”³, são inúmeros os projetos visando sua revitalização urbana.

Esperamos, por fim, que nossa abordagem acerca de alguns aspectos da famosa colina e suas adjacências possa ser uma humilde contribuição nesse trabalho que - ainda que árduo - promete congregar mais uma vez os incansáveis penhenses - devotos ou não da padroeira...

Os autores.

³ COLOMBERO, Dorival. Histórias do passado para a Penha do futuro in *Gazeta Penhense*. 12 a 18.10.2003. p. 9.

I. A Evolução Histórica



O bairro da Penha de França visto do Tatuapé. A Basílica de Nossa Senhora da Penha, com suas duas torres, destaca-se na paisagem.

1. O Prenúncio

Não se pode pensar na história da Penha sem sua inserção em um contexto mais amplo: a história de São Paulo e do Brasil.

A chegada da esquadra de Pedro Álvares Cabral foi fruto do ufanismo gerado a partir de 1415, com a tomada de Ceuta e o início das grandes navegações. Naquele momento, Portugal não parecia destinado a possuir um império ultramarino. Apesar da falta tanto de recursos materiais - a riqueza encontrava-se em outros locais, como nas repúblicas italianas - quanto de humanos - no final do século XV o país possuía cerca de um milhão de habitantes - vários fatores o levaram à expansão marítima, ressaltando-se o interesse da burguesia e a influência religiosa.

A burguesia portuguesa apoiara D. João I em sua guerra contra Castela (1383-1385) e, posteriormente, incentivara o fortalecimento da monarquia, livre das disputas internas e externas presentes em outras nações européias. Ávida pelos lucros advindos do comércio com o Oriente e das rotas de ouro da Guiné, conhecidas através de mercadores judeus, a classe burguesa cedo percebera que, apesar de arriscada, a única rota disponível era o contorno do continente africano pelo mar.

Já a análise do fator religioso requer o recuo de alguns séculos na história, até 1119, quando cruzados franceses fundaram em Jerusalém a Ordem dos Templários (ou Cavaleiros do Templo), que se tornou uma poderosa sociedade secreta, dona de riquezas e castelos espalhados por toda a Europa. Em 1307, Felipe, o Belo, rei da França, aliou-se ao Papa Clemente V em uma conspiração visando extinguir a Ordem. Em 1314, apenas em Paris, mais de quinhentos cavaleiros foram queimados vivos em praça pública.

D. Dinis, rei de Portugal de 1279 a 1325, ao contrário dos outros monarcas, acolheu os templários sobreviventes e obteve permissão papal, em 1317, para transferir seu patrimônio para a fundada Ordem de Cristo, cuja sede foi instalada no Castelo de Tomar.

Em 1416, D. Henrique, terceiro filho do rei D. João I, sagrado cavaleiro em Ceuta, tornou-se grão-mestre da Ordem. *“Monge-guerreiro, obcecado,*

*teimoso, celibatário e asceta*⁴, o príncipe, dotado de espírito cruzado, desejava acabar com o monopólio mouro das especiarias. Estabeleceu, então, a base naval de Lagos, que impulsionaria as navegações. Nos anos seguintes, os papas autorizariam a Ordem de Cristo a combater os pagãos e administrar as terras conquistadas.

Conforme aponta Alain Demurger em seu *Os Cavaleiros de Cristo*, com os descobrimentos, “*as ordens encontraram (...) uma missão mais de acordo com seu ideal*”. O papel da Ordem de Cristo, em especial, foi grande, “*como testemunham o número de navegadores e de conquistadores originários de suas fileiras (...) e o número de administradores fornecidos aos territórios coloniais*”⁵.

Com Pedro Álvares Cabral, membro da ordem, seguiam o frei Henrique Soares, de Coimbra, e sete franciscanos, com a missão de estabelecer contato com os cristãos orientais e converter os infiéis - no caso do Brasil, os índios. Ainda que a maior parte dos frades tenha morrido na Índia, todas as esquadras seguintes contaram com a presença de religiosos.

Nas três décadas seguintes à chegada de Cabral, o território brasileiro foi relegado a um plano inferior, uma vez que a coroa mantinha seu interesse voltado para as conquistas no Oriente. Então, em 1530, Martim Afonso de Sousa foi enviado para tomar posse definitiva do Brasil.

A mudança de atitude deveu-se a dois motivos principais: o declínio do comércio com as Índias e as constantes incursões de piratas - sobretudo franceses - à distante possessão lusa na América.

Contudo, Martim Afonso, seguindo instruções de D. João III, fundou núcleos de povoamento apenas ao longo da costa, o primeiro dos quais foi São Vicente, em 1532.

Mesmo o núcleo de Santo André da Borda do Campo, fundado no planalto acima da Serra do Mar com a ajuda de João Ramalho - um náufrago ou degredado cuja chegada ao Brasil varia entre 1501 e 1508 - e seu sogro, o

⁴ Bueno, 1998, vol. I, p. 57.

⁵ Demurger, 2002, p. 247- 248.

cacique Tibiriçá (nome indígena que significa “*formigão da terra*”⁶), foi visto mais como um posto avançado. As únicas tentativas de explorar o interior foram feitas por expedições que procuraram alcançar as minas de ouro em território espanhol.

Em 1534, por sugestão de Martim Afonso, que retornara a Portugal, D. João III dividiu o território em grandes faixas de terra denominadas Capitânicas Hereditárias. O sistema, aplicado com sucesso em outras colônias, não produziu os frutos desejados no Brasil, levando o rei a centralizar a administração em um Governo-Geral.

Tomé de Sousa, o primeiro governador-geral (1549-1553), trouxe consigo os jesuítas da Companhia de Jesus - fundada por Inácio de Loyola como uma tentativa da Igreja Católica deter a reforma protestante que vinha tomando vulto na Europa - liderados por Manuel da Nóbrega. Mais jesuítas vieram com o segundo governador, Duarte da Costa, estando o irmão José de Anchieta entre eles.

Os jesuítas eram contra a escravidão indígena, entrando em conflito com os colonos de São Vicente. Contrariando as instruções do governador, Manuel da Nóbrega e outros quinze religiosos subiram então a Serra do Mar, fundando, em 25 de janeiro de 1554, o Colégio de São Paulo de Piratininga (“*peixe seco*”), na antiga aldeia de Tibiriçá. “*O ato de nascimento de São Paulo foi consagrado pela missa rezada por um padre jesuíta, no dia do onomástico, o Apóstolo dos Gentios. (...) Do Colégio em diante, a Igreja esteve presente, sempre, na História do Brasil*”⁷.

Na verdade, a Igreja influenciou profundamente no povoamento das terras conquistadas sob dois aspectos:

1. ao lado dos criminosos comuns, que a coroa sistematicamente enviava às colônias, dos 27 mil processos dos tribunais do Santo Ofício, cerca de 4 mil resultaram em degredo. Os degredados eram uma forma de suprir a falta de soldados e de mão-de-obra: “*o uso sistemático do degredo não era apenas*

⁶ Os nomes indígenas no presente trabalho foram aportuguesados. A tradução baseia-se nas obras de Benedito Preziosi, *A Guerra de Piratininga* (1991), e de Eduardo Bueno, *Capitães do Brasil* (1999).

⁷ Scatimburgo, 1983, p. 225.

*um meio de se livrar da escumalha da sociedade (...), era um meio de torná-la útil*⁸;

2. os padres, em consequência, sendo dos poucos voluntários presentes, assumiam naturalmente papel relevante sob o ponto de vista cultural e mesmo político durante a colonização: basta citar os exemplos de José de Anchieta e, mais tarde, Antônio Vieira.

Claro, em geral a presença de degredados, como a própria Igreja acabou por concluir, prejudicava a administração do território. Assim, São Paulo, elevada a Vila em 1557, fundada com a missão de catequizar os gentios, cedo atraiu justamente aqueles de cuja má influência Nóbrega queria se afastar.

Como fonte de subsistência, os paulistas tinham algumas plantações, como o trigo, e - em maior grau, liderados por João Ramalho - o aprisionamento de índios. Havia poucos brancos, a língua falada era a "*língua geral*" - criada pelos jesuítas, como forma de comunicação com as tribos, e abolida apenas em 1759 pelo Marquês de Pombal - e as condições higiênicas eram precárias.

A reação indígena à escravidão foi imediata. Em 1560, Santo André foi evacuada, por ordem do terceiro governador-geral, Mem de Sá, e os moradores transferidos para São Paulo. Um muro de taipa na forma aproximada de um triângulo foi construído ao redor desta vila, tendo dois dos três lados banhados pelo Córrego Anhangabaú ("*rio dos muitos demônios*") e pelo Rio Tamanduateí ("*rio do grande tamanduá*").

Em 09 de julho de 1562, ocorreu o mais violento ataque à vila, com a participação de cerca de 1.500 guerreiros tupiniquins ("*parentes dos tupis*"), tamoios ("*avós*") e carijós ("*descendentes dos anciões*"). Os paulistas, no entanto, haviam tomado conhecimento da operação, recebendo o apoio de homens de São Vicente e reforçando o muro. Este ataque, bem como o ocorrido dois anos depois, foram rechaçados, com a morte de muitos atacantes.

⁸ Sereza, A trajetória dos condenados a viver no Brasil in *O Estado de São Paulo*. 21.01.2001. p. D11.

2. Surge a Penha de França, uma “individualidade geográfica”

Visando otimizar sua missão evangelizadora e como estratégia para manter a presença colonizadora, os jesuítas estabeleceram aldeamentos mais para o interior. Por volta de 1560, em conseqüência, foram reunidos os índios guarus (“*peixe barrigudo*”) - ou guarulhos - na aldeia de Nossa Senhora da Conceição. Já os ururá (tribo cujo nome significa “*rio do lagarto*”) foram concentrados na aldeia de São Miguel.

Neste ponto, chegamos enfim à Penha de França: conquanto alguns estudiosos afirmem que os ururá ocupavam apenas a atual região de São Miguel Paulista, segundo Sylvio Bomtempí, “*não faltam pesquisadores que indistinguem os territórios da Aldeia de São Miguel e do futuro Bairro da Penha, ambos então sob a denominação comum de Ururá*”⁹. Afinal, “*da vila de São Paulo ia-se ao Tatuapé (“trilha dos tatus”, nome dado às terras à margem do Rio Tietê) e daí a São Miguel*”¹⁰ - o que equivale dar um único nome a uma vasta extensão territorial.

Se os jesuítas procuravam locais estratégicos para seus aldeamentos - e é correto supor que procuravam - a colina, cerca de oito quilômetros a leste de Piratininga, não poderia ser negligenciada. Pois, como ressaltou Aroldo de Azevedo, em sua tese para ingressar como professor na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, “*a colina da Penha ergue-se, com destaque, no meio de regiões baixas e de várzeas*”¹¹.

A “*individualidade geográfica*” - também palavras do Professor Azevedo - é ressaltada pelas colinas próximas - como a do Cangaíba - e pelos cursos d’água que circundavam o aldeamento - o Tietê e os ribeirões Guaiaúna, Aricanduva e Tiquatira, com seus afluentes.

⁹ Bomtempí, 1969, p. 17.

¹⁰ Danon & Arroyo, 1971, p. 13.

¹¹ CD-ROM *Retratos da Penha*, (2.ed., 2002), organizado por Francisco Folco.



O naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire visitou a Penha em 1822, deixando o seguinte registro: “A Paróquia de Nossa Senhora da Penha fica situada sobre pequeno morro e serve de mirante à cidade de São Paulo” (Linguette, 1989, p. 27). Do alto da torre da atual Basílica ainda hoje é possível uma ampla vista da cidade.

Alguns índios que sobreviveram ao frustrado ataque a São Paulo em 1562, temendo represálias, fugiram da região, atravessaram o Tatuapé e alcançaram justamente a aldeia dos ururáí. Em 1589, o local reunia oitocentos índios, assistidos pelo Padre Diogo Nunes¹².

A fuga dos indígenas das proximidades de Piratininga foi geral, conforme assinala Joaquim Floriano de Godoy, “a ponto de ficarem abandonados quase todos os estabelecimentos rurais dos colonos”¹³. Intensificaram-se, portanto, a partir de 1602, as bandeiras visando o aprisionamento de índios no interior - o que culminou com a destruição dos aldeamentos jesuítas em pleno território de domínio espanhol.

Ainda mais, com o declínio da cana-de-açúcar em São Vicente, a metrópole portuguesa estava interessada na descoberta de minas de ouro e de pedras preciosas - em 1597, Afonso Sardinha encontrou algumas jazidas em Guarulhos; em 1674, Fernão Dias Pais partiu em busca de esmeraldas; em 1698, Antônio Rodrigues Arzão encontrou ouro em Minas Gerais.

¹² Segundo Sylvio Bomtempo, *op. cit.*, p. 18.

¹³ Godoy, 1978, p. 60.

Com os contínuos deslocamentos, faziam-se necessários locais de pousada para as tropas, onde os homens descansavam e as montarias eram alimentadas. Conforme Gilberto Marques, “*a colina (da Penha) era o primeiro ponto de parada dos bandeirantes que deixavam a vila de São Paulo em direção às Minas Gerais dos Cataguás, por meio do Vale do Paraíba*”¹⁴.

Aos poucos, Piratininga foi se desenvolvendo. No início do século XVII, os paulistas solicitaram à coroa, cada vez com maior freqüência, licença para fixarem-se no interior. Os caminhos naturais eram os rios - pela facilidade de comunicação - e as rotas já abertas pelos jesuítas e pelos bandeirantes. Roças foram plantadas, e das primeiras cabeças de gado, trazidas por Tomé de Souza, foi surgindo o maior rebanho que a América possuiria naquele século.

Se eventualmente alguma gleba não produzisse no prazo de cinco anos, era entregue a outro licenciado, no sistema que já vigorava em Portugal no período da reconquista e que fora implantado no Brasil por Martim Afonso. Tal sistema era denominado Sesmaria.

Segundo o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio*, denomina-se “sesmaria” o “*lote de terra inculto ou abandonado, que os reis de Portugal cediam a sesmeiros que se dispusessem a cultivá-lo*”¹⁵. Da mesma forma, o historiador Sylvio Bomtempo, a partir das *Ordenações e Leis do Reino de Portugal, recopiladas por Mandado de D. Filipe I*, reforça que as sesmarias “*são as dadas de terras (...) que foram, ou são de alguns senhorios, e que já em outro tempo foram lavradas e aproveitadas, e agora o não são*”¹⁶. As cartas de sesmaria eram dadas aos mais abastados e influentes, “*com toda a formalidade, na presença de um escrivão, um tabelião e duas ou três testemunhas*”¹⁷. O sesmeiro obrigava-se a contribuir com todas as taxas reais e religiosas.

As terras a leste de Piratininga foram das mais cobiçadas, por serem produtivas - principalmente em função das cheias dos ribeirões - pelo clima saudável e pela beleza da paisagem.

¹⁴ Penha, trajetória de fé e luta in *Acontece Leste*. Janeiro/Fevereiro 99. p. 8.

¹⁵ S/d, p. 1305.

¹⁶ *Op. cit.*, p. 24.

¹⁷ Bueno, 1999, p. 66.

Assim, o padre Matheus Nunes de Siqueira, possuidor de uma fazenda localizada “na paragem chamada Tatuapé”, solicitou concessão de terra ao capitão-mor Agostinho de Figueiredo, conforme documento:

Diz o licenciado Matheus Nunes de Siqueira, morador na Villa de São Paulo, que elle supplicante tem uma fazenda com ermida e curral de gado légua e meia d’esta Villa, na paragem chamada Tatuapé, terras que houve dos herdeiros do defunto Francisco Jorge, e por quanto não tem terras para lavrar e na testada d’estas terras para o Rio Grande em uma volta que faz o rio tem um pedaço de terra, dentro do qual há algumas campinas, brejaes e restingas de matto que se póde lavrar, por isso pede a Vossa Mercê que, como procurador bastante do donatário, lhe faça mercê dar por carta de sesmaria a terra que pede para maior augmento da capella, havendo tambem respeito ser o supplicante filho e neto de povoadores e não ter até agora carta de sesmaria; a qual terra correrá de umas campinas que partem da banda de baixo do ribeirão do Tatuapé, correndo pelo Rio Grande e pela volta que o mesmo faz por uma campina que chamam Itacurutiba até uma aguada que foi o defunto João Leite. E.R.M. Cartório da Tesouraria da Fazenda de São Paulo, Livro 11 de Sesmarias Antigas”¹⁸

No documento, podemos observar que o binômio *interesse econômico x fé* está claro: o licenciado, descendente de “povoadores”, desejava receber terra “que se pode lavrar” - além da que havia adquirido de um desbravador falecido, próxima ao “Rio Grande” (o Anhembi, antigo nome do Tietê). No entanto, havia, da mesma forma, o interesse - enquanto padre - em um “*maior aumento da capela*” existente.

Tal documento comprova, aliás, que, anos antes da concessão da sesmaria - que se deu em 05 de setembro de 1668 - uma capela em louvor a Nossa Senhora da Penha já havia sido erguida na região dos ururai e que, face o crescente fluxo de devotos, era necessária uma reforma visando sua ampliação¹⁹. A localização dessa primitiva capela - datando talvez do início do século XVII, conforme fazem supor alguns testamentos - não é exata. Segundo

¹⁸ A petição consta de vários trabalhos sobre a Penha de França (Bomtempi, *op. cit.*, p. 37-38 e Linguitte, 1989, p. 168-169, por exemplo). Dada a sua importância, foi mantida a grafia conforme original. Todos os demais textos no presente trabalho foram vertidos para o Português atual.

¹⁹ A devoção a Nossa Senhora, sob seus vários títulos, era uma constante entre os bandeirantes. Citando Cassiano Ricardo, Sylvio Bomtempi resume o espírito das bandeiras: “*facção na frente, Nossa Senhora atrás*” (*op. cit.*, p. 27). Em se tratando de Nossa Senhora da Penha, veremos como surgiu a devoção quando tratarmos especificamente da Religião.

Hedemir Linguitte, outro historiador penhense, encontrava-se “antes da subida final pela colina milagrosa” (portanto na atual divisa entre os bairros da Penha e do Tatuapé, próxima ao Ribeirão Aricanduva). Lá os viajantes repousariam “para, depois, mais dispostos, dar início à subida da íngreme ladeira, naquele tempo simples terra”²⁰.

Mesmo Matheus Nunes de Siqueira, antes de receber a concessão, construíra uma ermida de taipa de pilão no alto da colina e, em função de suas andanças - além de visitador geral de todas as vilas do Sul e ouvidor da vara eclesiástica na vila de São Paulo, integrava bandeiras que partiam para catequizar os índios pacíficos e combater os hostis - a entregara aos cuidados de seu irmão, o padre Jacintho Nunes de Siqueira. A administração do padre Jacintho é comprovada pelo testamento de 10 de fevereiro de 1667, de Henrique da Cunha Lobo, cujas terras, à margem do Ribeirão Guaiaúna, faziam divisa com a propriedade dos irmãos padres. Henrique da Cunha Lobo desejava ser enterrado no terreno da ermida - prática comum durante a Idade Média - mas, posteriormente, o local de sepultamento foi alterado para a igreja de Nossa Senhora do Carmo.

Outra prova é uma certidão datada de 24 de agosto daquele mesmo ano, constante no CD-ROM já apontado, em que o padre Jacintho aponta a doação de um anel de ouro a Nossa Senhora da Penha de França:

Certifico eu o padre Jacintho Nunes de Siqueira que recebi de Manuel Fernandes como testamenteiro de sua sogra que Deus tem um anel de ouro de uma oitava que a defunta sua deixou de esmola a Nossa Senhora da Penha de França; e por assim passar na verdade lhe dei esta para sua descarga hoje 24 de agosto de 1667.

Independente da data, se tomarmos a concessão da sesmaria como marco inicial, teremos que a Penha de França foi fundada pelos irmãos Nunes de Siqueira - e a atitude dos dois sacerdotes pareceu prenunciar o papel religioso notável que a região viria a ter em toda São Paulo.

²⁰ Quem foi quem na evocação da Penha de ontem in *Gazeta Penhense*. 16 a 22.01.1993. p. 08.

3. O Bairro cresce

Como haviam prometido na solicitação da sesmaria, os irmãos Matheus e Jacintho Nunes de Siqueira reformaram a ermida. Contaram, para tanto, com o apoio de muitos devotos de Nossa Senhora, incluindo o bandeirante Domingos Leme e sua esposa Maria da Costa, que moravam em Piratininga, mas possuíam sítio próximo à Penha, adquirido na primeira metade do século, junto ao Ribeirão Tiquatira. O casal, infelizmente, não presenciou a conclusão das obras, em 1682 - o bandeirante falecera em 1673, sua esposa, em 1679. Ambos foram sepultados próximo à capela.

Novas doações de vulto foram feitas, como a ocorrida em 1673, apontada por Afonso de Taunay:

O primeiro ouro de Goiás, provindo dos celebrados Martírios, trazidos pelo não menos célebre e atrevido bandeirante Manuel de Campos Bicudo, foi ofertado a Nossa Senhora da Penha da cidade de São Paulo e lhe puseram no braço uma dessas folhetas com o peso de três oitavas²¹.

Padre Jacintho, ciente da importância da devoção à Virgem, administrou eficientemente a igreja, como se vê, garantindo muitos recursos. Por fim, conforme seu testamento aberto em 15 de fevereiro de 1684, deixou para a igreja:

um sítio que possuo onde moro junto a sua Igreja para aumento da sua capela, um casal de peças com uma filha já peça e outras famílias do mesmo casal, um negro por nome Felipe e sua mulher Faustina para serviço da Igreja, dois negros e um rapaz os quais foram dados de esmola a Virgem e cento e cinqüenta mil réis, tirada alguma ganancizinha que terá rendido de que não fiz contas, ou o que na verdade se achar²².

²¹ Apud Linguitte, *op. cit.*, p. 16-17.

²² O testamento consta do Livro de Tombo da Sé. Francisco Folco o disponibilizou no CD-ROM já citado.



A data de término das obras de reforma da ermida ainda consta sobre a entrada principal do - hoje - Santuário de Nossa Senhora da Penha. Já nessa época a colina era conhecida pelo nome de Penha de França, com as variações de Nossa Senhora da Penha de França ou, de forma mais simplificada, Penha.

Em torno da igreja o bairro foi crescendo. A posição estratégica no caminho para as Minas Gerais, ademais, tornava constante a presença de todos os atraídos para aquela região. Assim, durante a Guerra dos Emboabas (1707-1709), a Penha foi rota do comandante paulista Amador Bueno da Veiga, neto de Amador Bueno da Ribeira, que em 1641 havia recusado o título de rei oferecido por seus compatriotas espanhóis residentes em Piratininga.

Outro visitante ilustre de passagem pela Penha foi D. Pedro de Almeida, Conde de Assumar, nomeado por D. João V governador e capitão-general da Capitania de São Paulo e Minas.

Em 27 de setembro de 1717, o conde dirigiu-se “até uma ermida chamada Nossa Senhora da Penha (...) e depois de fazer oração, comeu algum doce do muito que havia em uma mesa”²³ - os doces penhenses - entre os quais a cocada, o manjar e o bolo de fubá - já eram famosos.

Em 1774, iniciou-se a construção da primeira Matriz, em estilo colonial, terminada em data ignorada. Na verdade, o povoado, “com 746 habitantes,

²³ Linguitte, *op. cit.*, p. 26-27.

somados com os de São Miguel²⁴, ia sendo consolidado, basicamente à sombra da devoção a Maria, mas também através de aspectos culturais singulares que o marcariam nos séculos seguintes. Então, em 15 de setembro de 1796, por alvará real, criou-se a Freguesia de Nossa Senhora da Penha de França, desmembrando-a da Freguesia da Sé.

4. A Freguesia no século XIX

Além da Penha, havia apenas outras duas freguesias na cidade de São Paulo: a da Sé e a também criada Nossa Senhora do Ó. O território abrangido pela Freguesia de Nossa Senhora da Penha era, portanto, vasto: de um lado, fazia divisa com a Sé - até 1818, quando foi criada a Freguesia do Brás. No outro extremo, a Penha estendia-se até Mogi das Cruzes. O Tietê era o limite natural com a antiga região dos Guarulhos.

Com a elevação canônica da Matriz, em 1802, os moradores raramente iam à Sé, exceto quando a imagem era trasladada por iniciativa da população ou por solicitação da Câmara de São Paulo, em situações de interesse coletivo, como secas, epidemias, durante a Guerra do Paraguai, etc. Entre 1768 e 1876, houve a trasladação da imagem por nada menos que vinte vezes.

Em 1828, por exemplo, quando de uma seca, Manuel da Costa Almeida redigiu uma representação com 106 assinaturas, visando a trasladação da Imagem para a cidade:

tais são as razões porque os abaixo assinados, vendo que a seca atual se dilata de uma maneira que faz recear terríveis conseqüências e não encontrando algum recurso eficaz senão na Divina Providência, tantas vezes manifestada a rogos da Senhora da Penha²⁵.

Em todas as vezes, a ida da imagem provocou protestos por parte dos vigários da Penha, que sentiam diminuído seu fator de atração dos fiéis. O próprio comércio local ressentia-se do menor fluxo de pessoas, provando que, na Penha, o binômio não mais existia: o interesse econômico dependia da fé!

²⁴ Bomtempo, 2001, p. 74.

²⁵ Francisco Folco, no *site* www.guiadapenha.com.br.

Em função do crescente isolamento, as agitações políticas que sacudiam o Brasil face o desejo de independência em relação a Portugal poderiam ter passado despercebidas, não fosse a visita do Príncipe Regente D. Pedro, vindo do Rio de Janeiro a caminho de São Paulo:

*a 24 de agosto chegou o príncipe à povoação da Penha de França, à légua e meia da capital, onde pernoitou, expedindo daí o decreto que dissolveu o governo provisório, e ordenou que saíssem obrigatoriamente da capital os principais fomentadores dos movimentos subversivos (ocorridos entre maio e julho)*²⁶.



No dia seguinte, D. Pedro prosseguiu viagem. Em seu retorno ao Rio de Janeiro, no dia da Proclamação da Independência, D. Pedro I novamente pernoitou na Penha. A pensão onde passou a noite foi, de 1844 a 1905, residência do vigário, Padre Antônio Benedito de Camargo. Foi também moradia de Settimo Gozzoli, administrador da "Chácara dos Padres". A edificação foi demolida em 1965.

Ao longo de todo o século XIX, a freguesia recebeu visitantes ilustres, como o Conde D'Eu, marido da Princesa Isabel, que, em 16 de outubro de 1874, se hospedou no *Grande Hotel América*, de propriedade de José Gonçalves Ribeiro Guimarães. Apesar de ter viajado incógnito, o conde recebeu, no dia seguinte, a visita do Presidente da Província, João Teodoro Xavier.

Da mesma forma, D. Pedro II e D. Teresa Cristina teriam passado pela Penha em 1886, em sua última viagem a São Paulo antes da Proclamação da República, sendo recebidos por seu amigo, Antônio Proost Rodvalho.

²⁶ Oliveira, 1978, p. 285.



Antônio Proost Rodovalho foi promovido a coronel durante a Guerra do Paraguai, em 1868. De 1866 a 1870 foi presidente da Câmara de Vereadores de São Paulo. Em 1894, fundou a Associação Comercial de São Paulo, tendo sido seu primeiro presidente. Contribuiu com a introdução dos serviços do correio, saneamento básico e instalações elétricas no bairro. Sua mansão (*acima*), próxima à Matriz, dominava a ladeira - hoje denominada Rua Coronel Rodovalho. D. Pedro II e Dona Teresa Cristina teriam se hospedado nessa mansão.

Ao lado dos visitantes nobres, muitas famílias afluíram, atraídas pelo clima, pelo solo, pela fé. As doações eram vultosas, de sorte que, em 1838, era valiosa “*a relação de pratas e ouros*”²⁷.

Aumentou, portanto, a população que adquiria propriedades para repousar, passar férias ou fixar-se definitivamente no bairro. A colina era tida como “*sanatório de onde os convalescentes têm sempre saído sãos, robustos, cheios de vida*”²⁸. Em 1871 a Penha, conforme levantamento efetuado por Joaquim Floriano de Godoy, contava com 3.200 habitantes, contra 25.293 em São Paulo.

²⁷ Danon & Arroyo, *op. cit.*, p. 14.

²⁸ Padre Antônio Benedito de Camargo, *apud* Linguitte, *op. cit.*, p. 166.



O acesso das romarias era dificultado pela precariedade de locomoção. Então, em 1879, por influência do Coronel Rodovalho, foi estendido o ramal ferroviário da Estrada de Ferro Central do Brasil entre Rua Guaiaúna e um ponto mais próximo da Matriz, na então Rua da Estação - atual Rua General Sócrates. A linha era de bitola estreita, com apenas 1 metro (Linguette, *op. cit.*, p. 57). Uma ponte de ferro foi, inclusive, construída sobre a ladeira, unindo a mansão Rodovalho à estação.



Em 1907, o ramal foi desativado, com a chegada dos bondes elétricos. “Ficaram os trilhos, que iam, no início da década de 30, até o casarão do professor Zé Pedro (hoje utilizado pelo Hospital Nossa Senhora da Penha), então um dos mais velhos moradores da Penha” (Sr. Oscar Gonçalves de Macedo, morador no bairro desde 1920, em entrevista de 09.10.2003).



Em 1897, a “Companhia de Viação Paulista”, de Alberto Kuhlmann, estendeu uma linha de bondes com tração animal do centro até próximo ao bairro. Finalmente, em 1901, a companhia canadense “The São Paulo Tramway, Light and Power Company Limited” inaugurou uma linha de bondes elétricos até a Penha - a linha 6 - que funcionou até 1966 (Acima: operários assentam os trilhos no Caminho da Penha - atual Avenida Rangel Pestana - em 1900).

A melhoria nos transportes revelou ser um dos marcos na história do bairro, não apenas por facilitar o acesso de fiéis às tradicionais festas da padroeira, mas - e principalmente - por provocar profundas transformações ao longo do século XX, que se iniciava. O fato é que o bairro - que de 24 de março de 1880 a 03 de maio de 1886 pertenceu à Vila de Guarulhos - perderia seu caráter rural e provincial e, ao adquirir feições urbanas, aos poucos - por ironia - abandonaria as raízes religiosas.

5. A Penha no século XX

Com a Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918), houve um impulso no desenvolvimento da indústria no Brasil - sobretudo no Sudeste. As bases que sustentavam a oligarquia composta pelos cafeicultores, cujo controle político e econômico havia caracterizado a República Velha, estavam deterioradas, propiciando movimentos de oposição.

Um dos movimentos foi chamado de Tenentismo. Em 05 de julho de 1924, o levante em São Paulo teve início, sob o comando do General Isidoro Dias Lopes e do Major Miguel Costa.



Os combates entre os revoltosos e as tropas federais foram intensos e sangrentos. Cerca de 500 pessoas morreram e cinco mil ficaram feridas. O Presidente de São Paulo, Carlos de Campos, refugiou-se na Penha, estabelecendo seu gabinete no Posto Policial do Largo do Rosário.



Tropas federais vindas do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e do Nordeste ocuparam a Penha, sob o comando do General Eduardo Sôcrates (no centro), que fixou seu Estado-Maior na Rua Guaiaúna, próximo à estação ferroviária. Do bairro partiram os tanques, de fabricação francesa, repelidos pelos rebeldes no Belenzinho.

Apesar de sede provisória do Presidente de São Paulo, a Penha foi relativamente poupada. Segundo o Sr. Oscar, “o (general) *Isidoro era devoto de Nossa Senhora da Penha, por isso não bombardeou o bairro*”²⁹. Mesmo assim, algumas famílias transferiram seus filhos menores para outros bairros. “*Vovô colocou a todos nós na carroça e fugimos para a estação de trem de Engenheiro Goulart*”, recorda o Sr. Euclides Gonçalves de Macedo³⁰. “*Pegávamos sapé para colocar no chão da estação, para dormirmos*”, completa o Sr. Oscar.

A maior ameaça ao bairro durante a revolução foi a tentativa dos rebeldes explodirem a estação da Guaiaúna, utilizando uma locomotiva carregada com dinamite. O plano foi frustrado pelo ferroviário Aquilino Vidal - que hoje dá nome a uma rua. Mestre Vidal - como era conhecido - provocou o descarrilamento da locomotiva, removendo alguns batentes de trilho.

O então vigário da Penha, Padre Antão Jorge Heckenbleinchner, redentorista, socorreu os necessitados, distribuindo alimentos e conforto. Ofereceu-se, também, como mediador entre os generais. O armistício ocorreu a 25 de julho de 1924.

Apenas oito anos depois, em 1932, outra revolução abalou São Paulo: a Revolução Constitucionalista. Os paulistas pegaram em armas para combater a centralização do governo de Getúlio Vargas.

Pela Penha desfilaram os voluntários para a frente de combate. A revolta durou dois meses, com a vitória das tropas da União. No centro do bairro ficaram aquarteladas tropas gaúchas, mas continuamente passaram soldados nordestinos rumo à cidade.

Ainda que as crianças tenham encontrado sempre uma forma de diversão, como a visão do “vermelhinho” – único avião federal que bombardeava o Campo de Marte - a Revolução de 32 foi, em muitos aspectos, traumática para a Penha: houve saques a lojas, vários penhenses tombaram em combate e surgiu, inclusive, um esboço de movimento de resistência, com a morte de soldados do governo.

²⁹ Entrevista citada.

³⁰ Entrevista de 18.10.2003.

A Matriz havia sido elevada a Santuário Arquidiocesano de São Paulo em 20 de julho de 1909, por obra do então Arcebispo D. Duarte Leopoldo e Silva. No Livro do Tombo consta uma descrição da edificação, datada de 1918: “suas paredes tinham 1,20m de espessura, feitas de taipa e com as mesmas dimensões se apresentavam as paredes internas. De tal sorte que o espaço entre as duas paredes ficava completamente inutilizado”³¹. Apesar da reforma ocorrida no final do século XIX, a igreja não sofrera grandes alterações desde a sua construção inicial.



O Santuário em 1925, com seu telhado com várias águas. Diante dele, a única bomba de gasolina existente no bairro.

Então, em 1934, o Padre Oscar Chagas de Azeredo solicitou à Cúria autorização para nova reforma do templo. Foi “*todo ele destelhado e retirado o vigamento que sustinha as velhas telhas. Novo madeiramento e novas telhas vieram em seu lugar*”³². Paredes internas foram removidas, aumentando a capacidade de 600 para 2.500 pessoas. A taipa de pilão foi em sua maioria substituída pelo tijolo. A torre, que sofrera inclinação na década anterior, foi reforçada para manter os quatro sinos - um dos quais com as armas do Império.

³¹ Conforme Danon & Arroyo, *op. cit.*, p. 15.

³² Linguitte, *op. cit.*, p. 59.

A área para ampliação foi cedida por permuta pelo então prefeito da cidade, Fábio da Silva Prado.



A reforma, em 1934, durante a retirada do telhado (*acima*) e vista internamente da Matriz (*abaixo*).



No final da década de 1930, apesar das agitações com as duas revoltas, a Penha ainda guardava seu aspecto bucólico, com uma população formada por descendentes das famílias tradicionais, por imigrantes - principalmente italianos, árabes, portugueses e espanhóis - e por filhos e netos de antigos escravos, como “Nhá” (corruptela de “Sinhá”) Ana, que perdera o marido na Guerra do Paraguai. Os penhenses de nascimento - nas mãos de parteiras como Micaela Vieira, que hoje dá nome a uma praça, e Adelaide D’Ambrósio - ou de adoção mantinham seu incondicional amor ao bairro e não sonhavam com mudanças no *status quo*.

A Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945), todavia, causou imenso impacto no bairro. Sucessivas ondas de imigrantes europeus e migrantes de outras regiões do Brasil chegavam, não mais movidas pela devoção a Maria, mas pela possibilidade de ocupação de áreas ainda desabitadas e pela proximidade às indústrias do Brás. “*Em 1934, a Penha já contava com 30.716 moradores. A população chegaria a mais que o dobro, em 1950, com 82.814 habitantes*”³³.

Com a explosão demográfica, “*agigantaram-se os problemas, oriundos do progredir repentino, para o qual estava o Bairro inteiramente despreparado, vindo dos anos de hibernação*”³⁴. Na verdade, mudaram as feições da Penha: de bairro ensimesmado transformou-se em rota de passagem dos moradores dos bairros mais a leste em direção ao centro ou a outras regiões. Ruas inteiras tiveram seu uso modificado e, acima de tudo, o Santuário foi perdendo sua importância.

Em 15 de setembro de 1957 foi lançada a pedra fundamental para a construção do Santuário Novo. Projetado para a grandiosidade, pode abrigar 7.000 fiéis. Encontra-se em posição de destaque para quem se aproxima do bairro: enquanto o Rio Tietê encontra-se cerca de 722 metros acima do nível do mar, o Santuário antigo projeta-se a 763 metros e o novo a 770 metros - 48 metros a mais que o Tietê³⁵.

³³ Marques, Penha, trajetória de fé e luta in *Acontece Leste*. Janeiro/Fevereiro 99. p. 11.

³⁴ Bomtempí, 1969, p. 110.

³⁵ Fonte: Secretaria da Habitação e Desenvolvimento Urbano - SEHAB.



A construção do Santuário novo em foto de 14 de março de 1966, tirada da Rua Padre João. A primeira missa no novo templo foi celebrada no Natal de 1967.

As atividades litúrgicas foram transferidas para o novo templo, bem como a imagem milagrosa de Nossa Senhora. Então, no início da década de 1980, a parede lateral do antigo Santuário ruiu e, o que pareceria absurdo nos séculos anteriores, ocorreu: cogitou-se a sua total demolição. Apenas o engajamento dos antigos moradores permitiu a reforma.

O final do século XX pareceu reacender o zelo religioso. Em 07 de junho de 1985, o Santuário novo foi elevado à categoria de Basílica Menor pelo Papa João Paulo II e em 15 de agosto de 1999 o antigo templo foi elevado a Santuário Eucarístico Mariano pelo bispo diocesano D. Fernando Legal - desde 15 de março de 1989 a Penha passara a fazer parte da Diocese de São Miguel Paulista, separando-se da Sé.

O bairro, entretanto, já se encontrava degradado, sem que as tradicionais festas religiosas - aos poucos perdendo sua atração - pudessem reverter tal situação.



A data festiva da Penha é religiosa: 08 de setembro, que a liturgia considera como a natividade de Maria. Todavia, nem mesmo as festas de setembro congregam os fiéis como anteriormente (*Acima*: missa das 16:00hs de 08.09.2003).

6. O século XXI e as propostas de revitalização

Várias são as propostas visando uma política de revitalização:

1. valorização do visual à entrada do bairro, na divisa com o Tatuapé, incluindo a possível iluminação da “colina santa” e o tratamento do entorno;
2. valorização dos imóveis significativos ainda existentes, bem como de seus envoltórios, com a recuperação das fachadas;
3. otimização dos espaços destinados ao público, como o Largo do Rosário e a Praça Oito de Setembro;
4. ampliação das atividades de lazer nas ruas centrais;
5. uma proposta ousada: possível fixação de uma festa civil para o bairro, ao lado da festa religiosa, visando atrair os não-católicos.

Quaisquer propostas devem, no entanto, considerar não apenas um aspecto específico do bairro, mas o conjunto de aspectos que o compõem, todos eles essenciais.

Para entendermos tal importância, aprofundaremos a partir de agora alguns desses aspectos no período que vem da formação da Penha aos nossos dias.

II. Aspectos do Bairro

1. Religião



Em 07 de junho de 1942, a imagem de Nossa Senhora da Penha foi levada até a Sé, em procissão, como forma de pedir a intercessão de Maria para pôr fim a uma estiagem. Ato de fé foram comuns desde o surgimento do bairro.

O vocábulo “penha”, segundo o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio*, significa “*grande massa de rocha isolada e saliente; penhasco; penedo*”³⁶. Logo, o título “Nossa Senhora da Penha”, atribuído à Mãe de Jesus, pressupõe a existência de um penhasco, ou minimamente uma rocha.

Com efeito, a origem da invocação está ligada a um jovem pastor francês que, nos Pireneus, adormeceu encostado a uma rocha. Um crocodilo, saindo das margens de um rio, avançou em direção ao pastor. Quando estava prestes a devorá-lo, surgiu a imagem de Maria, sustentando Jesus em seu braço esquerdo e segurando um cetro com a mão direita. O réptil, intimidado, recuou.

Da França, a devoção passou para a Espanha, também em circunstâncias miraculosas: em uma aldeia de Málaga, os habitantes esconderam uma pequena imagem de Maria em uma rocha, para protegê-la do ataque de animais e de homens. Séculos depois, os moradores passaram a notar uma intensa luz ao redor da rocha, encontrando então a imagem escondida.

A invocação chegou a Portugal no século XVI com Antônio Simões, que, graças à aparição de Maria, sobrevivera ao desastre militar de Alcácer-Quibir - quando pereceram D. Sebastião e grande parte da nobreza de Portugal.

Antes mesmo de Portugal, a devoção a Nossa Senhora da Penha fora introduzida no Brasil em 1570 pelo frei franciscano Pedro Palácios, tornando-se uma das mais divulgadas na colônia - foram erigidas igrejas no Espírito Santo, no Rio de Janeiro (1635) e, posteriormente, em Pernambuco, na Bahia, no Ceará, na Paraíba, em Goiás, em Minas Gerais, em Santa Catarina e em São Paulo. Em se tratando de São Paulo, diz a tradição:

um viajante de origem francesa (...) fazendo o trajeto de São Paulo ao Rio de Janeiro, aliás ligação então única entre as duas cidades, por duas vezes viu-se obrigado a retroceder, à procura de uma imagem de Nossa Senhora da Penha e da qual era muito devoto e que o acompanhava desde sua partida da França (daí o título de Nossa Senhora da Penha de França). A imagem, por duas vezes, teimosamente, sumira dos pertences de nosso viajante, vindo a encontrá-la no alto de uma colina. (...) O viajante

³⁶ s/d, p. 1072.

viu naquele fato em duas seqüências, que a imagem ali desejava ficar, e para tanto foi construída uma modesta ermida para abrigar a referida imagem³⁷.



A imagem encontra-se atualmente na Basílica de Nossa Senhora da Penha. Várias hipóteses explicam sua origem, sem contudo qualquer documentação histórica comprovando.

Como acontecera na Europa, a notícia espalhou-se, transformando a colina em centro de peregrinação, de sorte que, já no final do século XVII, o bairro era uma *“unidade populacional, com interesses comuns, naturalmente concentrados em Nossa Senhora”*³⁸. Unidade, ademais, fortalecida pelos milagres atribuídos à imagem, como o que ocorreu em 1687, envolvendo D. José de Barros Alarcão, bispo do Rio de Janeiro e responsável por toda a região sul da colônia, até a bacia do Rio da Prata - incluindo Piratininga e a Penha.

Tendo vindo a São Paulo, o bispo pretendia levar a imagem da colina para um convento de freiras recém-construído. No dia da trasladação, os penhenses reuniram-se diante da capela. Estando as portas fechadas, imaginaram que a imagem havia sido levada às escondidas e puseram-se a

³⁷ Linguitte, *op. cit.*, p. 10.

³⁸ Bomtempi, 1969, p. 53.

chorar. Subitamente, as portas foram abertas - sem serem tocadas - e a imagem foi vista em seu nicho. O bispo, impressionado, desistiu da mudança.

O vigário não desempenhava apenas funções eclesiais, como batizados e casamentos, tendo papel importante na vida local, ao lado do Juiz de Paz. Nos livros paroquiais eram registrados nascimentos, casamentos, óbitos e mesmo a posse de terras. Padre Antônio Benedito de Camargo, que esteve à frente da paróquia de 1844 a 1905, era, além de vigário, inspetor escolar.

A elevação da Penha a freguesia fortaleceu a figura dos sacerdotes. As freguesias eram "*divisões das dioceses, e ao mesmo tempo participantes da esfera civil, como unidades primeiras de seu quadro administrativo-territorial*"³⁹. Tal ambivalência não é estranha, se lembrarmos que, desde D. João III, os reis de Portugal eram também grão-mestres da Ordem de Cristo.

De 15 de setembro de 1796 para cá a Penha teve 35 vigários. O primeiro deles foi Padre José Rodrigues Coelho, nomeado em 15 de setembro de 1802.

Por 62 anos (de 1905 a 1967), a administração paroquial ficou a cargo dos padres redentoristas. Segundo o atual pároco, Monsenhor Carlos de Souza Calazans, "*graças a eles, além do crescimento espiritual, tivemos a inauguração do Santuário e o começo da construção da atual Basílica*". Apesar disso, ao longo do século XX, "*o Santuário da Penha perdeu um pouco o seu brilho*"⁴⁰.

Podemos citar, entre os fatores:

1. com a Proclamação da República e a Constituição de 1891, houve a separação entre o Estado e a Igreja. Os registros vinculados à Igreja passaram a ser apenas os de cunho sacramental, como batismos. Mesmo os enterros passaram a ser responsabilidade do Poder Público - o Cemitério da Penha teve sua construção civil autorizada por lei de 06 de maio de 1895, com ampliações em 1900 - de 1.000 m² - e em 1922 - de 3.317,50m²;
2. mesmo em nível nacional, houve uma diminuição no número de católicos e um aumento no de evangélicos. Enquanto os católicos, nos últimos dez anos, diminuíram em 22%, os evangélicos cresceram 100% no Brasil⁴¹;

³⁹ Bomtempi, 2001, p. 113.

⁴⁰ In *O Santuário da Penha*. Setembro de 2003. p. 2.

⁴¹ SOLIMEO, Ralph. Roma locuta, causa finita in *Santuário da Penha*. Novembro de 2003. p. 3.

3. no mundo inteiro, as pessoas passaram a buscar explicações científicas para os acontecimentos diários. No pós-modernismo, o misticismo foi substituído pela descrença.

Apesar disso, o centro do bairro mantém sua base católica, formada por três templos:

Em 1802, a Irmandade dos Homens Pretos da Penha de França solicitou ao bispo a construção de uma capela, uma vez que não era permitido aos escravos participar das missas junto a seus senhores. Foi construída, então, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, em taipa de pilão e estilo colonial. (Ao lado – foto em 1909).



A igreja atual, localizada no Largo do Rosário, 4, é tombada pelo CONDEPHAAT e pelo CONPRES. Ocupa uma área de terreno de 388,00 m². Na década de 1920 a torre foi mudada, conforme confronto com a foto anterior. Não existe, todavia, documento explicando o porquê da mudança.



O Santuário de Nossa Senhora da Penha – a famosa Matriz berço do bairro – à Praça Nossa Senhora da Penha, 1682. Em função das várias reformas, a edificação, com 822,00m², apresenta uma arquitetura eclética, com tendência colonial, barroca e gótica. Suas portas estão voltadas para o centro de São Paulo, indicando a proteção de Maria como padroeira da cidade.



A Basílica de Nossa Senhora da Penha, à Rua Santo Afonso, 199, apresenta área construída de 6.715,00m². e ocupa um terreno de 6.248,00m². Sua frente, incluindo as torres (esq.) não seguiu o projeto original (*dir.*) e não apresenta características arquitetônicas. No corpo principal, por outro lado, foram utilizados princípios bizantinos e românicos.

Além dos edifícios católicos, há templos evangélicos, como o da Congregação Cristã à Rua Capitão João Cesário, a Igreja Batista, à Rua Caquito e Universal do Reino de Deus – à Avenida Penha de França.



Templo da Primeira Igreja Batista da Penha, à Rua Caquito, 222. O edifício, com nove pavimentos, apresenta área construída de 4.179,00m². A torre vazada é como um prisma monumental.

Há, ainda, locais para a atuação de espíritas – o Centro Espírita Bezerra de Menezes, à Rua Omachá, 182, atende cerca de 5 mil pessoas por semana e mantém o asilo homônimo com 220 idosos com idade média de 70 anos.

O bairro, assim, a exemplo do país, deixou de ser eminentemente católico e tornou-se lar de um sem-número de religiões, crenças e mesmo de pessoas sem religião.

2. Ocupação Urbana



A foto indica o relevo do bairro, bem como os poucos edifícios - se comparados com outros bairros, como o vizinho Tatuapé. Segundo a Subprefeitura da Penha, há 36.896 domicílios particulares (2003), com uma média de 3,43 habitantes por domicílio - a média no Município é de 3,59.

O Professor Aroldo de Azevedo, em sua tese para a Universidade de São Paulo, classificou a Penha *“ao mesmo tempo, de um bairro afastado e de um subúrbio próximo da capital paulistana”*⁴².

De fato, durante grande parte de sua existência, a Penha manteve-se isolada de São Paulo, acompanhando a evolução ermida-matriz-santuário.

As áreas mais densamente ocupadas eram, a partir da ladeira, as próximas ao templo - atuais Rua Doutor João Ribeiro, Avenida Penha de França, Rua Coronel Rodovalho. Para além delas, apenas a mata natural, interrompida por raras casas. No dizer de Sylvio Bomtempi, *“(a Igreja) assinalou-lhe (ao povoado) o núcleo, esboçou-lhe a futura praça, indicou-lhe a direção das ruas centrais, determinou-lhe a configuração geográfica, envolvente da colina, dos vales que a rodeiam e das proximidades”*⁴³.

Junto ao templo, foram surgindo, durante o século XIX, mansões com ar senhorial. A mais famosa foi, sem dúvida, a já vista Mansão Rodovalho.



Ao lado da igreja ficava a mansão de Dona Maria Carlota de Melo Franco Azevedo, proprietária da primeira linha telefônica da Penha. Muitas peças do mobiliário eram importadas da Europa.

Havia também, em maior número, casas de construção mais modesta, com um ou, no máximo, dois pavimentos, sem jardim.

⁴² Conforme CD-ROM *Retratos da Penha*, já citado.

⁴³ *Op. cit.*, p. 50.

Saindo dos arredores da igreja, existiam os grandes loteamentos, ou “chácaras” e - mais próximas ao Tietê - casas simples com terrenos para plantação de frutas, hortaliças e para a criação de animais. Havia, portanto, um caráter tipicamente rural. Do lado direito da matriz ficava a “Chácara dos Padres”.

No século XX, contudo, com a explosão demográfica, os loteamentos foram sendo paulatinamente partilhados, dando origem às “vilas”⁴⁴:

1. ao sul estão as mais antigas, nos vales dos ribeirões Guaiaúna e Aricanduva: Vila Carlos de Campos e Vila Centenário, além dos núcleos pertencentes a outros bairros;
2. para o leste, as terras de D. Maria Carlota beirando o Córrego Rincão dariam origem ao bairro da Vila Esperança;
3. a oeste não houve o surgimento das vilas penhenses, quer porque o sopé da colina, próximo ao Aricanduva, era o limite do bairro, quer porque, a noroeste, o Tietê representava uma barreira natural;
4. ao norte os núcleos, ao longo do Tiquatira, datam em geral da década de 20: Vila São Geraldo, Vila Santana, Vila Lais, Chácara da Penha, Jardim da Concórdia, Jardim Jaú e os núcleos do bairro do Cangaíba. Eram, em parte, originados das terras de D. Maria Carlota.

Todas as vilas eram quase exclusivamente residenciais, com ruas de terra - em algumas, o capeamento em asfalto ocorreu apenas no final do século XX - e sem saneamento básico - muitos terrenos atualmente se encontram sobre fossas antigamente utilizadas.

Os núcleos permaneciam ligados ao centro religioso da Penha, e as pequenas capelas construídas viriam a dar origem a novas paróquias: Nossa Senhora de Montevirgem (desmembrada da Penha em 27 de outubro de 1940); Nossa Senhora de Fátima e São João Batista, Santo Estêvão e Santo Antônio de Engenheiro Trindade (desmembrados em 1962).

⁴⁴ Serão citados os núcleos dentro dos limites estabelecidos no presente trabalho, a partir de mapa do Registro Civil das Pessoas Naturais do 3.º Subdistrito - Penha de França (ver Introdução).



Casa na Rua Padre João, no início da década de 1930, habitada por imigrantes italianos. A água era tirada de poços e a horta era para consumo particular.



Vista aérea da Penha em 1961.

Nas décadas de 1960 e 1970, grandes obras começaram a ser feitas pelo Poder Público. Infelizmente, muitas das edificações históricas - como as antigas mansões - foram desapropriadas e demolidas, em desrespeito à memória do bairro.



A mansão de D. Maria Carlota foi demolida para a construção do Centro de Saúde da Penha. A Mansão Rodovalho, por sua vez, deu lugar a um conjunto residencial. Da residência do Coronel Rodovalho restavam, em 1955, apenas o portão e suas duas colunas.

Mesmo no início do século XXI, a arquitetura do bairro é caracterizada por uma predominante horizontalidade. Segundo o Engenheiro José Gustavo Neme Feola, da “Feola Construtora e Engenharia” (há 41 anos na Penha), “a população mais antiga é enraizada, preferindo casas térreas ou sobrados. Nunca houve a mentalidade de investir em novas construções”⁴⁵.

Assim, o metro quadrado construído foi sendo desvalorizado. Em levantamento efetuado no período de 05 a 16 de julho de 1999, por exemplo, o preço máximo do metro quadrado para apartamentos novos não ultrapassava R\$ 1.700,00⁴⁶.

Mas, se os penhenses mais antigos não abandonam sua tradição, as novas gerações não permanecem no bairro, pretendendo que as edificações sejam valorizadas - inclusive para sua venda. “Hoje está se pensando na verticalização”, conclui o engenheiro.

⁴⁵ Entrevista de 16.10.2003.

⁴⁶ *Fonte: Folha de São Paulo*, caderno Classificados de Imóveis. 08.08.1999. p. 2.



O primeiro edifício residencial da Penha foi o Edifício "Rossi-Leste", à Rua Rodovalho Júnior, 476. Com 12 pavimentos e ocupando imóvel com 20 metros de frente, o edifício projetado pelo Arquiteto Marcello Aciolly Fragelli recebeu Menção na categoria "Habitação Coletiva", na 8ª. Bienal de São Paulo de 1965.

3. Vias de Acesso



Em 1952, com a deficiência de transportes após a Segunda Guerra Mundial, até caminhões conhecidos por “pau de arara” eram utilizados no transporte de passageiros.

Duas eram as formas de um viajante, saindo do triângulo de Piratininga, a partir da porta existente no muro defensivo de taipa, chegar ao distante aldeamento dos ururuaí: pelo Anhembi (posteriormente Tietê) ou pelo caminho no meio da mata, traçado inicialmente pelos índios - daí o nome “Caminho dos Ururuaí” - e aproveitado então por jesuítas e bandeirantes. Obviamente, o rio era o caminho mais fácil e seguro pois, com fácil navegação, permitia o contorno da colina através do Tiquatira e do Aricanduva. Além disso, não havia o risco de ataques ou mesmo de extravio das expedições.

O caminho por terra, já em 1667, passou a ter o nome genérico de “Caminho da Padroeira”, em função da ermida existente na nova sesmaria dos irmãos Nunes de Siqueira.



Também derivada da devoção a Nossa Senhora, a denominação da rota por terra, em 1679, já era “Caminho de Nossa Senhora da Penha de França”, com as variações “Caminho da Penha de França” ou “Caminho da Penha”. Seu início era na Várzea do Carmo. (Reprodução do quadro de J.V. Adams, existente no Museu Paulista).

Cabia aos moradores das sesmarias a manutenção da via. Um Registro dos Oficiais da Câmara de São Paulo de 16 de fevereiro de 1737, por exemplo, determina que “*os moradores concorrerão com os seus ditos escravos para factura do dito caminho desde a ponte de Nossa Senhora do Carmo até o bairro da Penha, fazendo-lhes pontes e aterrados, descortinarão os matos onde os*

*houver*⁴⁷. Todavia, prevendo a importância da via, o Poder Público acabou por destinar certa dotação orçamentária para as benfeitorias, conforme atesta relatório de 08 de março de 1864, do Padre Manuel Joaquim do Amaral Gurgel, então Vice-Presidente da Província de São Paulo:

*Está quase concluída a Estrada da Penha, obra importante, por ser uma das estradas desta Capital por onde se estão edificando muitas casas, prometendo em futuro não remoto, ficar uma rua até a Igreja da Penha, muito concorrida pela devoção dos fiéis para com a sagrada Imagem que ali se venera*⁴⁸.

Afinal, pelo “Caminho da Penha” chegava-se ao Rio de Janeiro e a outras províncias, como Minas Gerais. Também pelo caminho a imagem foi transportada até a Sé nas calamidades e, no sentido inverso, seguiram as romarias até a “colina santa”, utilizando-se de vários meios: *“também (...) os carros de boi eram por vezes utilizados no transporte de gente. Eles e as carroças (...). Muita gente ia a pé ou a cavalo. Ou então em carros de boi cobertos de colchas ou em carroças enfeitadas com folhagens”*⁴⁹.



Família de imigrantes italianos que, nas festas de Nossa Senhora, saíam da região da Paulista e iam até a Penha pelo “caminho” (foto do final da década de 1920, tirada diante do Santuário).

⁴⁷ Francisco Folco, no site www.guiadapenha.com.br, já apontado.

⁴⁸ *Ibidem*.

⁴⁹ Ernani Silva Bruno, *apud* Linguitte, *op. cit.*, p. 18.

No final do século XIX, a designação única da estrada até a freguesia da Penha foi sendo substituída:

1. a etapa inicial, da Várzea do Carmo até o atual Largo da Concórdia, foi chamada de “Rua do Brás”;
2. do Largo da Concórdia até a atual Rua Belém, o percurso era denominado “Avenida da Intendência”;
3. da Rua Belém até o sopé da colina da Penha, o caminho era denominado “Estrada da Penha”.

Posteriormente, ainda que o traçado caracterize um único logradouro, dois nomes foram oficializados, permanecendo até a atualidade: Avenida Rangel Pestana - da Praça Clóvis Bevilacqua até a Rua Dr. Ricardo Gonçalves - e Avenida Celso Garcia - daí até a divisa entre o Tatuapé e a Penha.

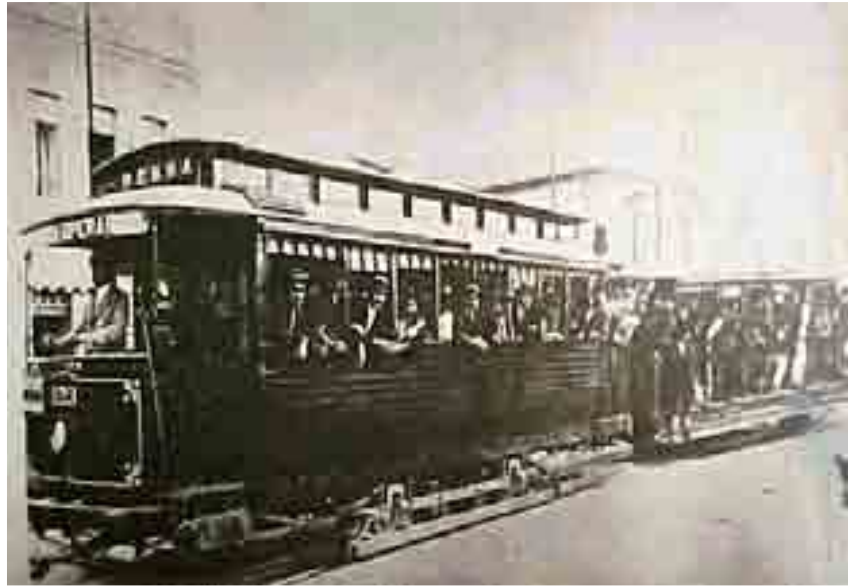
Ironicamente, o Tietê, promissor meio de acesso ao bairro, acabou sendo suplantado. Quando, em 1872, tentou-se implantar a navegação através de barco a vapor, já haviam sido iniciadas as obras para a estrada de ferro - com seu posterior ramal até a Rua da Estação - seguida duas décadas depois pelos bondes elétricos.

A respeito dos bondes, é necessário ressaltar que havia vários modelos, como o “camarão” - de cor vermelha, com 08 rodas; o “cara dura” - para operários, com passagem de menor valor, dotado de 04 rodas e o “bonde dos feirantes” - na cor verde, com 08 rodas, cujo trajeto terminava na Rua Guaiauna.

No século XX, os veículos foram ganhando espaço: caminhões, “jardineiras” para transporte de passageiros e uns poucos automóveis, identificados por “A” - quando de aluguel, ou seja, táxis - e por “P” - quando particulares.

Além da letra, a placa do veículo apresentava um número seqüencial, conforme aquisição do veículo. *“Quanto menor o número, maior o valor do carro, porque indicava as posses de seu proprietário, naquele tempo em que os carros eram raros”*⁵⁰.

⁵⁰ Sr. Oscar Gonçalves de Macedo, em entrevista de 22.10.2003.



Em 1916, o bonde que fazia a linha Largo do Tesouro - Praça Oito de Setembro possuía apenas duas paradas oficiais em seu trajeto: Belém e Tuiuti. O da foto era o conhecido por “cara dura”.



Até a década de 1940, dois fatores poderiam atrasar o percurso: o cruzamento de nível na “porteira do Brás” e os acidentes envolvendo passageiros e pedestres (*Acima*: bonde incendiado após choque com automóvel, em 26 de janeiro de 1930).



O primeiro veículo particular da Penha data de 1915, um carro modelo "Berliet" de Elpídio de Paiva Azevedo.



Veículo batizado pelos penhenses de "Bala de Prata" - placa "P 20", de propriedade de Décio Gomes Jardim (foto de 1928).

Apesar da importância histórica, ficou claro que as Avenidas Rangel Pestana e Celso Garcia não dariam vazão ao crescente tráfego da cidade,

principalmente com a urbanização que, a partir de 1927, uniu a Penha à “Capital” - como era conhecido o centro da cidade. Assim, duas novas vias foram implantadas:

1. com a retificação do Tietê, a partir de 1948, o conjunto de logradouros conhecidos genericamente como “Marginal”;
2. a “Radial Leste”, aberta em 07 de junho de 1972, cujo planejamento data de 1944, sob a gestão do Prefeito Prestes Maia, e cuja obra foi iniciada em 1968.

Da mesma forma que a comunicação com Piratininga, desde o século XVII são constatados os caminhos que, a partir da Penha, atingiam outros locais. A “Estrada da Conceição dos Guarulhos”, por exemplo, data provavelmente do século XVI - hoje, a via recebe a denominação de Avenida Gabriela Mistral, enquanto na Penha, e Avenida Guarulhos, quando já em Guarulhos. Outros logradouros de suma importância atualmente são a Avenida Amador Bueno da Veiga e a Avenida Cangaíba, que ligam a Penha aos bairros mais a leste.



Ônibus de 1938 ligando a Penha à Vila Matilde. Os veículos tinham capacidade de 21 passageiros sentados e 07 de pé. Da Penha até o Centro havia, na mesma época, apenas três desses veículos.

A Penha alcança o século XXI com um terminal de ônibus (“Terminal Penha”, inaugurado em 1996), contendo 06 linhas - além de um segundo terminal na divisa com o Tatuapé (“Terminal Aricanduva”). A estação de metrô, inaugurada em 1986, encontra-se distante do centro do bairro. Todavia, já foi aprovado pela Companhia Paulista de Trens Metropolitanos - CPTM projeto de uma nova estação ao lado da antiga linha férrea para Ermelino Matarazzo, com possibilidade de acesso ao Aeroporto de Cumbica⁵¹.



Foto de 1998 indicando, à direita, a Estação de Metrô Penha e, à esquerda, a antiga Estação Carlos de Campos. Ao fundo, o Viaduto Engenheiro Alberto Badra.

⁵¹ Conforme Engenheiro Gustavo Feola, na citada entrevista.

4. Educação



Desfile dos alunos do Externato São Vicente de Paulo por comemoração dos 50 anos da escola.

Em 1911, o então Juiz de Paz Manoel Gonçalves de Macedo lançou a pedra fundamental da primeira escola pública da Penha, inaugurada dois anos depois, em 24 de setembro de 1913, e denominada “Grupo Escolar Santos Dumont”.



Hoje denominado “Escola Estadual Santos Dumont”, o estabelecimento, localizado à Praça Oito de Setembro, 73, ocupa terreno de 1.752,00 m². A arquitetura é eclética, com inspiração na alvenaria burguesa da Inglaterra. A árvore à direita é um pau-brasil plantado em 1972, por ocasião das comemorações dos 150 anos da Independência. Várias gerações de penhenses já passaram por suas salas de aula (abaixo: alunas do então 2.º ano primário em 1938). A escola é tombada pelo CONDEPHAAT.



Em abril de 1907, as Irmãs de São Vivente de Paulo - congregação surgida na Bélgica em 1818 e cujos trabalhos no Brasil haviam sido iniciados em 1896, em Pernambuco - já haviam iniciado no bairro o ensino primário, com duas turmas.



Tendo passado por várias ampliações, o “Externato São Vicente de Paulo”, a primeira escola particular da Penha, ocupa terreno de 2.137,00 m², à Praça Nossa Senhora da Penha, 161.

Outro estabelecimento de ensino particular das primeiras décadas do século XX foi o Liceu Bernardino de Campos, instalado na Mansão Rodovalho, de regime interno. Apenas meninos de famílias abastadas eram aceitos.

Na verdade, havendo poucas escolas, grande parte das crianças penhenses concluíam apenas o primário - atual 4^a. série do ensino fundamental. Algumas, inclusive, estudavam na residência dos professores. Apenas a partir da década de 1940 o quadro foi sendo alterado.

Atualmente, há na Penha 06 escolas particulares - o “Ateneu Rui Barbosa”, de 1933, foi o primeiro estabelecimento de ensino médio no bairro - 01 escola técnica estadual - denominada “Professor Aprígio Gonzaga” - e 06 escolas estaduais de ensino fundamental e médio - uma das quais, a “Escola Estadual Nossa Senhora da Penha”, inaugurada em 1948, foi um marco da arquitetura moderna. Projetada pelo Arquiteto Eduardo Corona, possui rampas

de acesso, amplas janelas e anfiteatro. A piscina foi desativada na década de 1970, substituída por quadras.

A Penha oferece, também, cursos superiores de tecnologia ou bacharelado nas Faculdades Drummond, bem como cursos profissionalizantes. Há, ainda, escolas de línguas, de informática e creches infantis.

5. Cultura e Lazer



Conforme apontado pelo Sr. Eugênio Cantero Sanchez, diretor do jornal *Gazeta Penhense*, em entrevista de 15 de outubro de 2003, a Avenida Penha de França (*acima*), a principal do bairro, com ocupação exclusivamente comercial, apresenta-se aos domingos e feriados praticamente deserta. Ao contrário, ao longo dos 4,5 quilômetros do Parque Tiquatira, entre as duas pistas da Avenida Governador Carvalho Pinto, muitas pessoas freqüentam as quadras, as pistas, o palco e mesmo o teatro de arena (*foto abaixo*).



O teatro é a segunda expressão cultural mais antiga no Brasil, após a chegada de Cabral, perdendo apenas para a literatura, em função da Carta de Pero Vaz de Caminha e do relato de outros viajantes. Através da encenação de peças, os jesuítas ensinavam a doutrina cristã aos jovens índios, conforme exemplos deixados por José de Anchieta.

No entanto, a Penha contou com um teatro apenas em 1970, com a inauguração da “Casa de Cultura da Penha”, no Largo do Rosário, 20, no terreno onde antes existia uma creche.



A “Casa de Cultura da Penha” (esq. – foto da construção, em 1969) é composta pela biblioteca infanto-juvenil “Sra. Leandro Dupré”, pela biblioteca “Guilherme de Almeida” e pelo Teatro “Martins Penna”. O teatro tem capacidade para 249 pessoas. São apresentadas peças com desconto (*à direita*) e mesmo gratuitas.



Não existe a tradição de teatro de rua. Mesmo o largo diante da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, com palco de concreto, não é aproveitado devidamente. (*Esquerda* – apresentação de conjuntos de rock).

O primeiro cinema na Penha foi inaugurado em 1926, denominado “Cine Penha Theatro”, na Avenida Penha de França, 345. Posteriormente, passou a chamar-se “Penha Príncipe”.



Na foto de 1927, vê-se em cartaz o filme “O Gato Preto”, com Bóris Karloff e Bela Lugosi. O valor da entrada era de mil réis (500 réis para crianças).

A fachada voltada para a Rua Capitão Avelino Carneiro ainda mantém o anúncio indicativo do cinema, conforme foto abaixo. Todavia, em meio a outras edificações e à copa das árvores daquela rua, passa quase despercebido pela população.



Anúncio do cinema publicado na revista do Clube Esportivo da Penha, de novembro de 1932 (p. 2).

O cinema contava com galeria superior e camarotes para as autoridades. Exibia desenhos, seriados e grandes produções. Entretanto, face a superstição existente na época, muitas pessoas deixavam a sala quando anunciado um filme de terror. Lembra o Sr. Oscar Gonçalves de Macedo: *“No dia em que passaram ‘King Kong’ (versão de 1933), na hora em que o bicho apareceu, ouviu-se um grito. Acenderam as luzes do cinema. Uma mulher tinha desmaiado”*.

Em 21 de novembro de 1955 foi inaugurado o “Penha Palace”, mais conhecido como “Penharama”. Ocupava o térreo do Edifício “Santa Amália”, sendo o primeiro cinema de bairro em São Paulo a exibir tela panorâmica.

Da mesma época datava o “São Geraldo”, instalado no edifício homônimo. Uma vez que o imóvel era propriedade da Cúria, os jovens das congregações religiosas e, mais tarde, seminaristas tinham entrada franca.

Os três cinemas pertenciam à “Empresa Cinematográfica Brasília Ltda.”.

Havia um quarto cinema, de linhas arrojadas, à Rua Doutor João Ribeiro, 440. O “Cine Júpiter” era, ao contrário dos anteriores, destinado à elite do bairro.

Na última década do século XX, acentuou-se a crise dos cinemas de bairro, estando entre os principais fatores o maior acesso da população aos aparelhos de televisão e de vídeo e a abertura de salas de exposição de filmes no interior dos Shopping-Centers. Assim, o último cinema a fechar na Penha foi o “São Geraldo”, em 1998. Em seu lugar, após a reforma do edifício, estão o Registro Civil das Pessoas Naturais do 3.º Subdistrito e um estacionamento.

Encontram-se em funcionamento no bairro apenas três salas de cinema no interior do “Shopping-Center Penha”, de propriedade do “Circuito Passos”. Com as obras de ampliação do shopping, estão previstas oito salas para setembro de 2004.

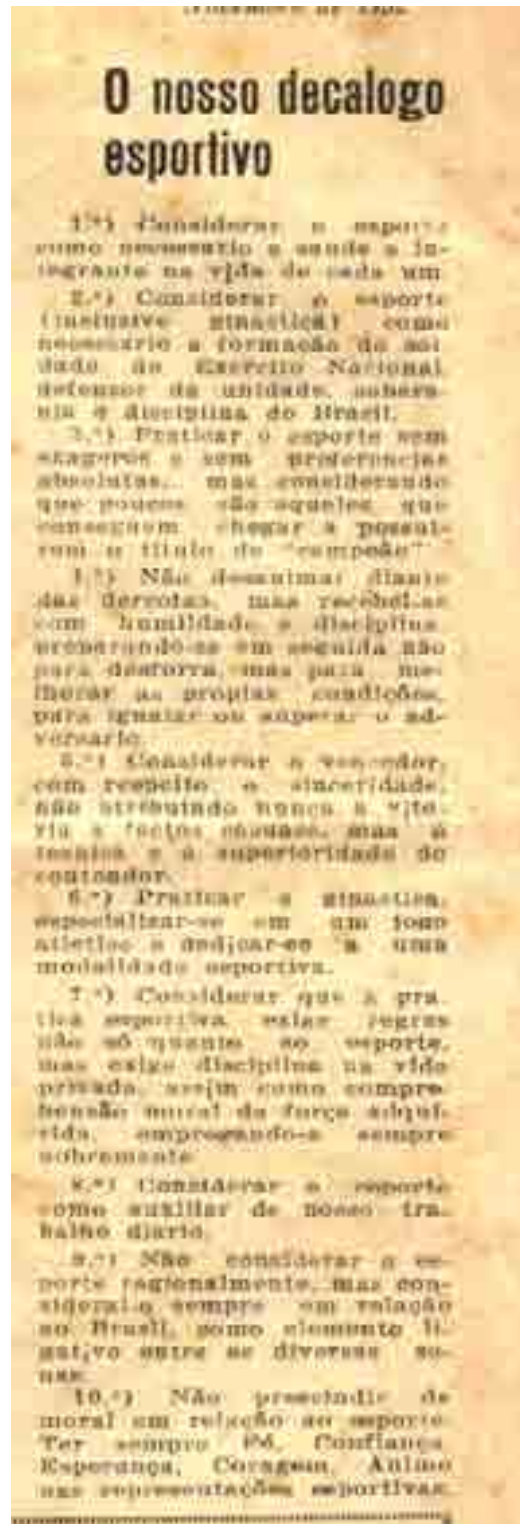
Circos eram comuns na Penha, em função das grandes áreas existentes. Ao lado do “Externato São Vicente”, por exemplo, as apresentações ocorriam em uma parque onde, continuamente, as crianças encontravam diversão em

brinquedos - como os “cavalinhos” - em marionetes - conhecidas como “João Minhoca”. Com a urbanização, tais eventos desapareceram.

Na verdade, a falta de lazer é apontada como o principal fator de degradação. No centro da Penha, de ocupação predominante ou exclusivamente comercial, o movimento aos domingos e feriados é quase inexistente. Com isso, o bairro perdeu, inclusive, seu valor de referência para os habitantes da cidade: “*Era uma euforia para nós quando mamãe anunciava que viríamos para a Penha*”, afirmou a Sra. Vilma de Jesus Palma, em entrevista de 29 de setembro de 2003. “*Tudo era divertido, movimentado. Hoje é um deserto*”.

Algumas tentativas para reverter a situação foram feitas, como desfiles cívicos, sem grandes resultados.

6. Esportes



"Decálogo" constante da primeira revista do "Clube Esportivo da Penha", de novembro de 1932.

É natural supor que, dada a proximidade do Tietê, a população penhense desse preferência, em sua formação, aos esportes aquáticos, como natação e remo.

Com efeito, em 1929 foi fundado o “Clube de Natação e Regatas da Penha”, às margens do rio. Em função de divergência de pontos de vista em sua diretoria, em 01 de janeiro de 1930 foi então fundado o “Clube Esportivo da Penha”, por Plínio Augusto de Camargo.

A princípio, ambos os clubes ofereciam aos membros apenas o leito natural do Tietê. Aos poucos, as benfeitorias foram surgindo: o “Clube Esportivo da Penha” contou com os serviços de um carpinteiro conhecido por “Maneco”, que confeccionou os barcos, construiu um trampolim e, para os membros que não sabiam nadar, idealizou o “cocho” - piscina de madeira sustentada por barris vazios.



O “cocho” (*acima*) foi a primeira piscina no Rio Tietê de São Paulo. “Maneco” construiu ainda um “cocho” para competições, com 25 metros de comprimento. Entre os nadadores que se destacaram no Clube estão Napoleão Bucchi e Carlos Mockreis (dir.).





Aos sócios era possível a utilização dos barcos para pescaria ou prática do remo. O “Clube Esportivo da Penha” cedia seus barcos por 15 minutos (acima: foto de 1932), ao passo que o “Clube de Natação e Regatas da Penha” os cedia por tempo indeterminado.

O “Clube Esportivo da Penha” oferecia, ainda, ginástica, basquete (“bola ao cesto”) e atletismo - no salto com vara, por exemplo, eram utilizados bambus.

Surgiram duas das principais provas nas primeiras décadas do “esportivo” - como é conhecido: a “Volta a nado da Penha” e a “Volta da Penha”. Para a “Volta a nado” os atletas eram levados nos grandes barcos para carregar areia - os “batelões” - até a ponte de madeira na divisa da Penha com Guarulhos, nadando então no próprio rio até o clube. A competição não sobreviveu à retificação do leito do Tietê – e à sua poluição.

A “Volta da Penha” é uma das maiores provas de pedestrianismo de São Paulo. Em 2003, contou com 1.100 atletas - inclusive de outros estados - em um percurso de 10 quilômetros. O primeiro vencedor foi José Agnello que, no mesmo ano, também venceria a “São Silvestre”.

O “Clube Esportivo da Penha” ocupa hoje uma área de 146 mil metros quadrados. Conta com cerca de 12 mil associados, tendo seu quadro atingido o ápice na década de 1980, com um total variando entre 16 e 17 mil membros⁵².

O “Clube de Natação e Regatas da Penha” não teve a mesma sorte, deixando de existir na metade do século XX.

⁵² Conforme Sr. Affonso Lenzi, presidente do clube, em entrevista de 19.10.2003.



A primeira revista do “Clube Esportivo da Penha”, de novembro de 1932, trouxe a foto ao lado, com a quadra de basquete, o galpão e, ao fundo, o Tietê.

Hoje, a antiga quadra foi substituída por um jardim (abaixo).



Além do esporte, o clube oferece atividades sociais e culturais, como a apresentação da Banda da Polícia Militar do Estado de São Paulo (*esquerda*).

Ao lado dos esportes aquáticos, o futebol - a “paixão nacional” - era o preferido pelos moradores do bairro. Na atual Rua Francisco Melchiori, dois

clubes ocupavam a propriedade da Sra. Lélia Asson: o “Spartano Futebol Clube”, reunindo membros das famílias tradicionais - e o “Clube Atlético Penhense” - mais popular. Ambos tinham seus times titulares, que participavam em competições com outros clubes.

Em 1932, com o loteamento do terreno, o “Spartano” fechou. O “Clube Atlético Penhense” transferiu-se para outra área, à venda por 6 contos de réis. Apesar dos esforços de seu presidente, Sr. Mauro Brasil, o dinheiro não foi arrecadado e o clube encerrou as atividades.

Muitas agremiações surgiram, incluindo clubes de expressão, como o “Botafogo da Penha”, um dos principais times do extinto “Desafio ao Galo” nas décadas de 1970 e 1980⁵³.

Dois clubes tinham e têm potencial e estrutura para se tornarem grandes times amadores no bairro:

1. o “Jaú Atlético Clube da Penha”, surgido em 1929, conhecido pelo seu campo e por não ter obtido títulos de expressão. Sagrou-se apenas pela “Copa Adhemar de Barros” em 1950 e obteve o terceiro lugar na “Copa Sul-Americana de Futebol Amador”. Sua última participação em um campeonato significativo foi a “5ª. Copa Kaiser / 6ª. Copa da Cidade”, tendo ficado com a 65ª. posição.



Troféu do Sul Americano de 1991 e da conquista de 1950.

⁵³ O “Desafio ao Galo” era transmitido pela Rede Record de Televisão aos domingos, das 10:00 às 12:00hs.

2. o já citado “Esportivo” que em 2002 se sagrou Campeão da Grande São Paulo pela Associação Paulista de Futebol nas categorias de base;

A Penha possui grandes triunfos. Mesmo confrarias religiosas destacaram-se no futebol. Além disso, jogadores penhenses cobriram-se de glória em grandes times no Brasil e no exterior e chegaram a fazer parte da Seleção Brasileira, como Júlio Botelho e Walter Casagrande Júnior.



A Congregação Mariana da Penha foi tri-campeã da Cidade de São Paulo, em 1955, 1956 e 1957.

Também clubes de malha ou bocha floresceram no início da década de 1960 - a maioria encerrando as atividades no final do século.

7. Economia



Dois momentos da economia na Penha: a Av. Penha de França em 1940 (*foto superior*), com seu comércio local, e o Shopping-Center Penha (*foto inferior*) em 2003, atraindo pessoas de outros bairros.

Nos primeiros séculos de sua existência, a economia da Freguesia de Nossa Senhora da Penha de França caracterizou-se pela subsistência.

Favorecidos pelas terras férteis, os moradores criavam gado e plantavam principalmente cana-de-açúcar, algodão e cereais. Nas casas distantes da igreja havia hortas e árvores frutíferas, além de aves.

O comércio, naturalmente concentrado ao redor da Matriz, voltado aos peregrinos que vinham orar aos pés da imagem milagrosa e aos viajantes que necessitavam repousar, era representado por mercearias, vendas e tavernas, sendo controlado pela Câmara, em São Paulo.

Para o trabalho escravo, o índio estava sendo paulatinamente substituído pelo negro trazido da África. Para evitar revoltas - como as que haviam ocorrido com os indígenas - até o século XVIII o bairro teve seu capitão-do-mato, com poderes para convocar os moradores e destruir os eventuais quilombos.

No início do século XX, a atividade comercial mantinha-se praticamente inalterada, por força da tradição. As casas de artigos religiosos, como velas, imagens e peças de cera, eram a atividade com maior freqüência, dada a importância de Nossa Senhora na formação da Penha como padroeira da cidade. Em 1940 havia quinze delas entre a Praça Oito de Setembro e a Igreja Matriz, equivalendo a uma distância de cerca de apenas 200 metros. Atualmente, apenas uma dessas casas permanece aberta.



Outra atividade comum na primeira metade do século XX era o chamado "comércio tem de tudo". O anúncio acima foi tirado da revista do Clube Esportivo da Penha, de novembro de 1932 (p. 9).

Havia, ainda, artesãos, barbeiros, garapeiros, doceiros e farmacêuticos - como o Sr. Jônatas Machado, cujas expressões faciais eram satirizadas nas brincadeiras de crianças.

A partir de 1930, o centro residencial foi desaparecendo e a Penha foi sendo transformada em um núcleo comercial de São Paulo. Também de 1930 data a primeira padaria do bairro, na Avenida Gabriela Mistral - as padarias logo proliferariam, participando da história penhense, como a “Padaria Marquesa”, da Praça Oito de Setembro, que em 1961 fechava somente entre 3 e 4 horas da madrugada, para limpeza.

Em 1951 foi inaugurado o Edifício “Santa Amália”, o primeiro edifício para escritórios comerciais no bairro, à Praça Oito de Setembro, 107. Com oito andares e área construída de 7.101,00 m²., o edifício, em art-decô, encontra-se hoje abandonado.

O comércio foi sendo diversificado: magazines, roupas e calçados, móveis, materiais de construção, bazares, estabelecimentos para fotos sociais - na década de 1960 havia seis destes próximos à Matriz. Infelizmente, muitos estabelecimentos tradicionais no bairro não sobreviveram ao final do século, principalmente por problemas financeiros, como a “Garbo” - ponto de referência na Rua Padre Antônio Benedito; a “Borrachas da Penha” e a “Ultralar”.

Mesmo restaurantes e pizzarias que tornaram a gastronomia da Penha famosa acabaram por fechar, como a “Lança Dourada” e o “Grupo Sérgio”.

Em outubro de 1992 foi inaugurado o “Shopping-Center Penha”, com 219 lojas e área de 69.902,00m². Em 2003, com uma circulação de aproximadamente 800 mil pessoas por mês, o shopping-center passa por uma ampliação, cujo término está previsto para setembro de 2004. Ao final da obra, o edifício terá mais 60 lojas e um acréscimo de 11.800m².⁵⁴

⁵⁴ *Fonte:* Sonae Imobiliária, em *folder* distribuído no local.



Ampliação do Shopping-Center Penha vista da Rua Almeida Nogueira

O comércio penhense ainda é variado, sendo representado desde 13 de novembro de 1951 pela Associação Comercial de São Paulo - Distrital Penha, atualmente na Avenida Gabriela Mistral, 199. Todavia, a presença do comércio informal nas ruas centrais é uma fonte de preocupação, devendo ser pensada a coexistência pelo Poder Público.

Em que pese a Penha ter sido sede da primeira cervejaria de São Paulo, inaugurada em 1840, a indústria foi impulsionada a partir da década de 1930, em função da proximidade do Tietê. O rio propiciava:

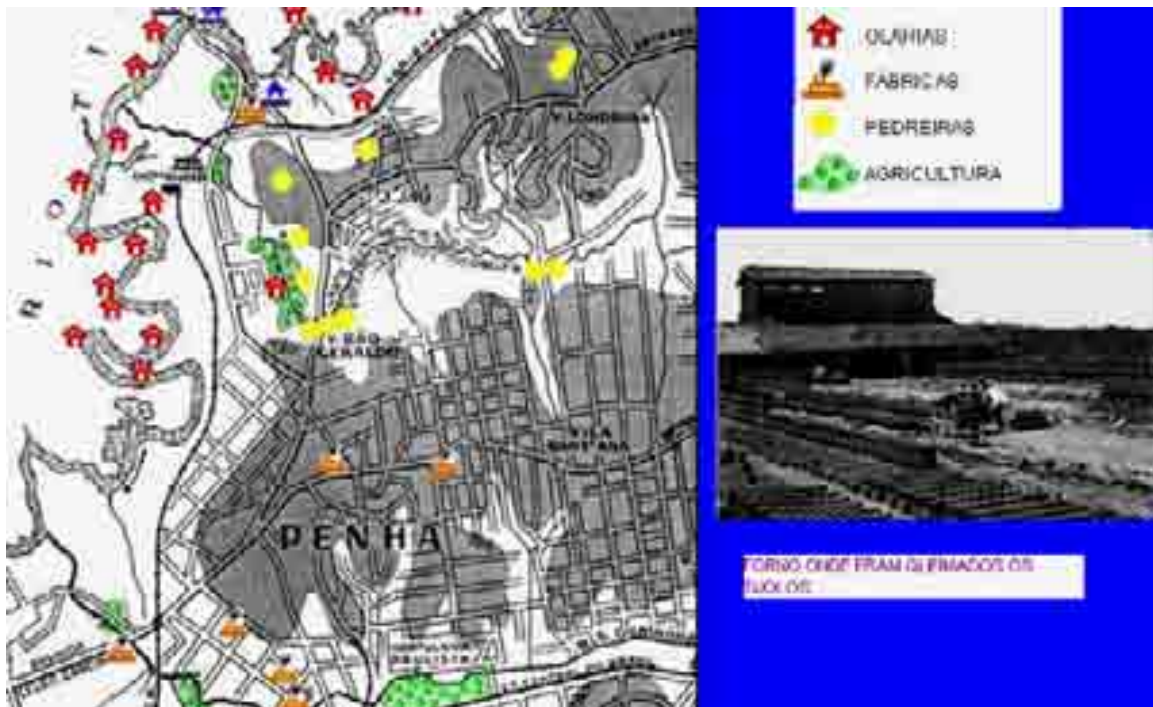
1. a fabricação de tijolos, nas olarias - o barro para os tijolos, de cor escura, era retirado do fundo do rio ou, como lembrou o Sr. Francisco Folco⁵⁵, das margens após as cheias. Carroças levavam o barro até as olarias, onde era colocado em formas e secado ao sol por quase duas semanas, sendo posteriormente queimado em fornos à lenha por 100 horas;
2. a extração de areia - a areia era retirada por dragas das lagoas formadas após as cheias. Tanto a areia quanto os tijolos das olarias eram então transportadas até o centro de São Paulo pelo próprio rio - até o porto então

⁵⁵ Entrevista de 02.10.2003.

existente na atual Ladeira Porto Geral - ou por caminhões, para atender a demanda decorrente da construção civil;

3. confecção de barcos a remo - reunia em geral membros da própria família. Os barcos eram utilizados para o transporte dos produtos até a “Capital” - podendo transportar até 5 mil tijolos ou 7,50m³. de areia - e para atividades esportivas nos clubes - remo e pesca.

Longe do Tietê, a linha férrea favoreceu a implantação de indústrias na Guaiáúna a partir de 1940. Duas das mais antigas são a “Fábrica Santa Teresinha”, de papéis, que data daquele ano, e a “Companhia Americana Industrial de Ônibus - CAIO”, presente na região até o final do século.



Base da economia penhense na década de 1940.

Outro ponto a ser abordado quando se trata da economia são as famosas feiras, cuja localização variou com o tempo: instaladas inicialmente no Largo do Rosário, foram transferidas para a Avenida Penha de França, então para a Rua Dr. João Ribeiro, para a Rua Padre Benedito de Camargo e para a Rua

Rodvalho Júnior. Em 20 de janeiro de 1971, com a inauguração do Mercado Municipal, a feira foi para a Rua Omachá, perdendo muito de sua expressão.

Os produtos, por vezes, vinham das chácaras próximas ao Tietê, como flores, hortaliças e frutas, além de cabras, porcos, galinhas e preás. Os peixes tirados do Tietê, curiosamente, não eram vendidos na feira, mas diretamente nas casas por ambulantes.



Uma feira tradicional na atualidade ocorre na Rua General Sócrates

Se, na Penha, o clássico binômio *fé x mercantilismo* sofreu alterações, conforme pretendemos enfocar no presente trabalho, abordar o aspecto econômico quando a devoção a Maria perde seu caráter fundamental é de suma importância. No entanto, não existe levantamento acerca da distribuição das atividades econômicas no bairro, conforme Sr. Jaime Altomar, gerente da Associação Comercial⁵⁶.

Podemos, apesar disso, visualizar o perfil atual a partir da seguinte amostragem de empregos por setor, disponibilizada pela Subprefeitura da Penha⁵⁷:

⁵⁶ Entrevista de 15.10.2003.

⁵⁷ Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br. Acesso em 20.10.2003.

	<i>São Paulo</i>	<i>Penha de França</i>
Agropecuária	5.029	39
Extração Mineral	2.089	-
Indústria	563.086	6.466
Construção Civil	186.330	479
Utilidade Pública	47.292	463
Comércio	447.766	7.870
Serviços	1.222.852	7.371

Pelos dados, a Penha tem sua força no comércio - não mais de cunho religioso - e em segundo lugar - ao contrário do Município em geral - nos serviços. Em parte tal configuração ainda é fruto das famílias tradicionais que permanecem no bairro.

É, possivelmente, da união entre o comércio tradicional e as novas tendências econômicas que virá a força para que a Penha de França reassuma seu papel em relação à cidade de São Paulo.

Afinal, as portas do Santuário e da Basílica de Nossa Senhora permanecem abertas e voltadas para a “capital”, o que vale dizer, Maria, a padroeira de São Paulo, ainda vela por seus filhos - quer tenham devoção por ela quer não...

Bibliografia

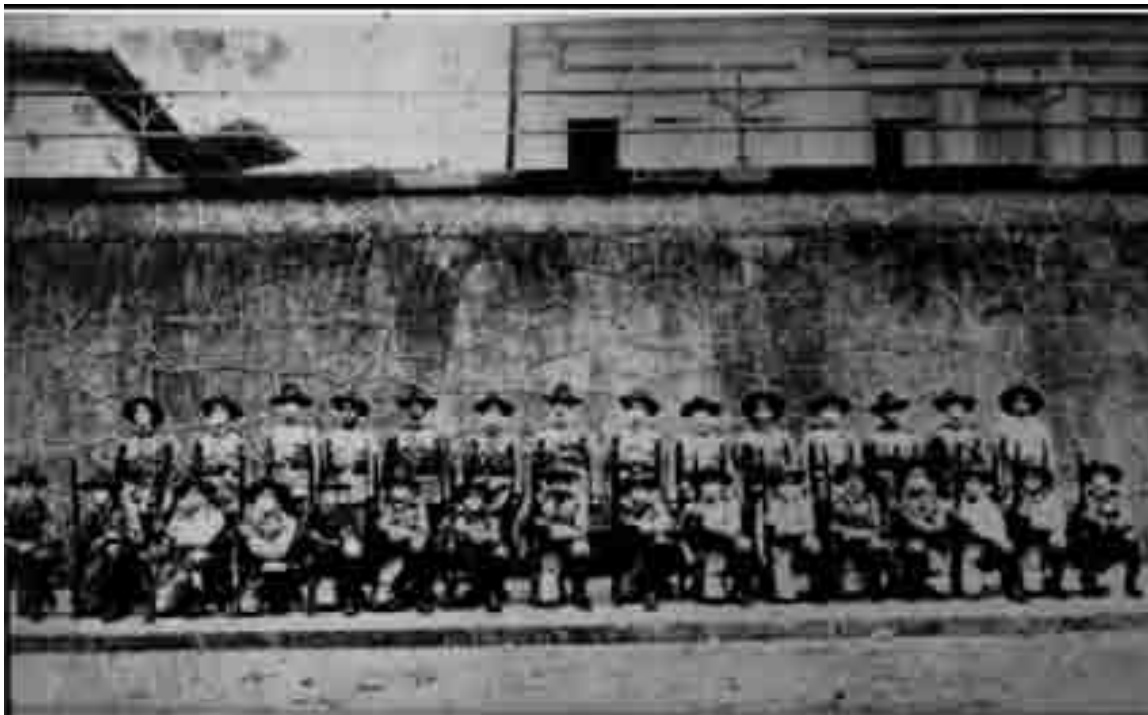


Casa de Micaela Vieira, às margens do Rio Tietê. Nas cheias, as águas invadiam a casa e os barcos eram, muitas vezes, amarrados ao pé da cama.

- Bens Culturais Arquitetônicos no Município e na Região Metropolitana de São Paulo.*
São Paulo: Governo do Estado, 1984.
- BOXER, Charles. *The Portuguese Seaborne Empire - 1425-1825.* Middlesex: Penguin Books, 1973.
- BOMTEMPI, Sylvio. O Bairro da Penha. *Série História dos Bairros de S. Paulo.* Vol. III.
São Paulo: Prefeitura do Município, 1969.
- _____. *Penha Histórica.* São Paulo: UNICSUL, 2001.
- BUENO, Eduardo. A Viagem do Descobrimento. *Coleção Terra Brasilis.* Vol. I. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- _____. Náufragos, Traficantes e Degredados. *Coleção Terra Brasilis.* Vol. II.
Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- _____. Capitães do Brasil. *Coleção Terra Brasilis.* Vol. III. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- CALAZANS, Carlos S. Editorial, *O Santuário da Penha*, 09-2003, p. 2.
- CALDEIRA, Jorge. A Cruzada do Descobrimento. *Super Interessante*, São Paulo, 02-1998, p. 36-45.
- Clube Esportivo da Penha*, ano 1, n.º 1, 11-1932.
- COLOMBERO, Dorival. Histórias do passado para a Penha do futuro, *Gazeta Penhense*, 12 a 18.10.2003, p. 9.
- COSTA, Luís C.A. & MELLO, Leonel I.A. *História do Brasil.* S. Paulo: Scipione, 1999.
- DANON, Diana & ARROYO, Leonardo. *Memória e Tempo das Igrejas de São Paulo.*
São Paulo: Companhia Editora Nacional / EDUSP, 1971.
- DEMURGER, Alain. *Os Cavaleiros de Cristo.* Trad. André Telles. R. Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GODOY, Joaquim F. de. A Província de São Paulo: Trabalho Estatístico, Histórico e Noticioso. *Coleção Paulística.* Vol. XII. 2.ed. facsimilada. São Paulo: Governo do Estado, 1978.
- Grandes Personagens da Nossa História.* Vol. I. São Paulo: Abril, s/d.
- LINGUITTE, Hedemir. *Santuário de Nossa Senhora da Penha.* São Paulo: Art Manha, 1989.
- _____. Quem foi quem na evocação da Penha de ontem, *Gazeta Penhense*, 16 a 22.01.1993, p. 8.
- LOUREIRO, Maria A. S. *Origem Histórica dos Cemitérios.* São Paulo: Prefeitura do Município, 1977.

- MARQUES, Gilberto. Penha, trajetória de fé e luta, *Acontece Leste*, jan./fev. 1999, p. 8-11.
- MEIRELLES, Domingos. São Paulo já foi Sarajevo, *Jornal da Tarde*, 25.01.1996, p. 6B. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.
- OLIVEIRA, José Joaquim M. de. Quadro Histórico da Província de São Paulo. *Coleção Paulística*. Vol. IV. ed. facsimilada. São Paulo: Governo do Estado, 1978.
- PREZIA, Benedito. *A Guerra de Piratininga*. São Paulo: FTD, 1991.
- Retratos da Penha*. 2.ed. (org.) Francisco Folco. São Paulo: 2002. CD-ROM. Produzido por VIVEKA - Escola de Arte e Criação.
- SANTARCANGELO, Maria Cândida V. *Penha de França, 1668 - 1968*. Disponível em www.guiadapenha.com.br. Acesso em 13.09.2003.
- SARAIVA, José H. *História concisa de Portugal*. 7.ed. Mira - Sintra: Public. Europa - América, 1981.
- SCATIMBURGO, João de. Os Paulistas. *Coleção Paulística*. Vol. XXI. São Paulo: Governo do Estado, 1983.
- SEREZA, Haroldo. A trajetória dos condenados a viver no Brasil, *O Estado de São Paulo*, 21.01.2001, p. D11.
- SESSO Jr., Geraldo. *Retalhos da Velha São Paulo*. 4.ed. São Paulo: Maltese, 1995.
- SOLIMEO, Ralph. Roma locuta, causa finita, *O Santuário da Penha*, 11-2003, p. 3.
- TORAL, André & BASTOS, Giuliana. Os brutos que conquistaram o Brasil. *Super Interessante*, São Paulo, 04-2000, p. 26-35.
- VENTURA, Cássio. Radial Leste foi aberta em 1972, *O Estado de São Paulo*, 13.07.1995, p. 2.
- www.prefeitura.sp.gov.br . Acesso em 01.10.2003 e 20.10.2003.
- www.simmm.com.br/memorias/jau . Acesso em 02.11.2003.

Crédito das Fotos e Ilustrações



Soldados da Revolução de 1924 posam para foto perto do muro de arrimo no Largo do Rosário.

- *Acervo do casal Oscar Gonçalves de Macedo e Mafalda Bato de Macedo:*
Fotos de fls. 29, 41 (*superior*), 46, 53 (*inferior*), 58 (*inferior*), 61, 62 (*inferior*), 63, 64 (*superior*), 68.

- *CD-ROM "Retratos da Penha":*

* utilização autorizada pelo Sr. Francisco Folco, proprietário da VIVEKA - Escola de Arte e Criação

Fotos de capa (*superior*) e fls. 20, 21, 22 (*superior*), 23, 24, 26, 35 (*superior*), 38, 41 (*inferior*), 49 (*inferior*), 50, 51, 52, 57 (*superior esquerdo*), 62 (*superior*), 67 (*superior*), 71, 72, 74, 76, 77.

- *"Exposição fotográfica evocativa, de caráter permanente, focalizando a Penha, suas coisas e sua gente", existente na Igreja de Nossa Senhora do Rosário e organizada por Hedemir Linguitte:*

* utilização autorizada pelo Monsenhor Carlos de Souza Calazans, pároco da Basílica de Nossa Senhora da Penha

Fotos de fls. 27, 31, 39, 42, 44, 45, 48, 49 (*superior*), 58 (*superior*), 66.

- *Folder da SONAE ENPLANTA:*

Foto de fls. 67 (*inferior*).

- *Fotos tiradas pelos autores:*

Fotos de capa (*inferior*) e fls. 07, 13, 18, 22 (*inferior*), 30, 33, 35 (*inferior*), 36, 37, 43, 53 (*superior*), 54, 56, 57 (*superior direito e inferior*), 58 (*centro*), 64 (*centro e inferior*), 70.

- *Foto tiradas do site www.simmm.com.br :*

Foto de fls. 65.